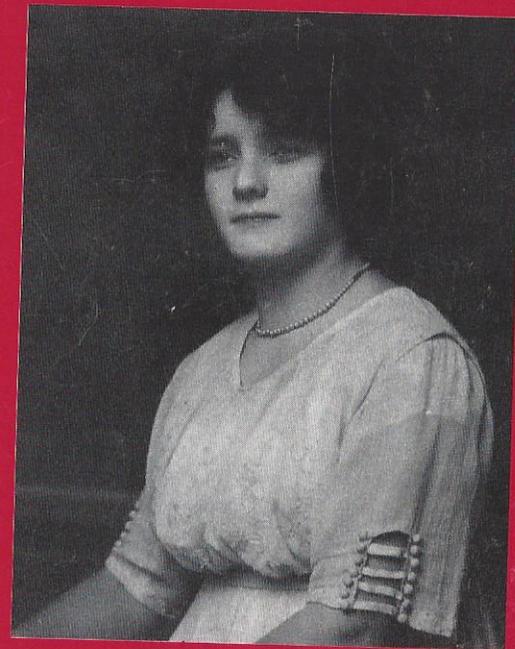


# AMICUS

Sociedade Amigos da Cultura



Dona Mariquinha Vieira e seus alunos - 1939



# AMICUS

Sociedade Amigos da Cultura

AMICUS - Batatais-SP - Ano VI - Nº 11 - pp. 1 - 77

maio de 2005

ISSN - 1518-4013

NOSSA CAPA: à direita: A modista Senhora Aurélia  
Alliprandini Prado.

Acervo Enide Prado da Costa.

à esquerda: Diva Nolf Nazário.

Acervo Celisa Pinto Nazário.

4ª capa: Dona Mariquinha Vieira e seus alunos - 1939.  
Acervo Carmen Orsolini Corsini.

SOCIEDADE AMIGOS DA CULTURA

AMICUS

Conselho Consultivo e de Editoração  
Coordenador: Walter Cardoso

Membros: Gaspar de Sousa Prado Neto  
José Carlos de Medeiros Pereira  
Maria Clarisse Bombonato Prado  
Mildred Regina Gonçalves

Conselho de Publicação  
Coordenador: Sérgio Corrêa Amaro

Membros: Claudete Camargo Pereira Basaglia  
Clotilde de Santa Clara Medina Cardoso

Para Correspondência:  
Sociedade Amigos da Cultura  
Pça. Cônego Joaquim Alves, 202  
CEP 14300-000 - Batatais-SP  
*e-mail*: amicus@yahoo.com.br

SUMÁRIO / CONTENTS

EDITORIAL

Missão cumprida? ..... 5

ARTIGOS / ARTICLES

Vida de mulher em Batatais no começo do século XX  
JOSÉ CARLOS DE MEDEIROS PEREIRA ..... 7

Feminismo em Batatais, dos anos 20 às eleições  
de 1936  
Walter CARDOSO ..... 17

Diva Nolf Nazário, uma batataense defensora dos  
direitos políticos da mulher  
Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO ..... 29

SEÇÕES - DEPOIMENTOS

Não se pode dar o que não se tem  
Claudete Camargo Pereira BASAGLIA  
Depoimento de Regina Maura de Sousa Barboza ..... 41

As escolas fizeram a diferença  
Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO  
Depoimento de Odette Fantacini ..... 46

A escola de Dona Mariquinha Vieira ..... 51

A modista Senhora Aurélia Alliprandini Prado ..... 53

Depoimento de Carmen Sylvia Lima Nogueira ..... 57

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

VIEIRA, Elisabeth Meloni. *A medicalização do corpo feminino*

Sônia Maria de MAGALHÃES ..... 62

## ÍNDICE DOS VOLUMES DE NÚMEROS 1 A 10

Assuntos ..... 66

Autores ..... 68

Sumários ..... 71

ÍNDICE DE AUTORES ..... 76

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS ..... 77

## EDITORIAL

### Missão cumprida?

"A cultura não é algo que se possa medir com uma régua ou com uma máquina de calcular. Ela faz parte desse patrimônio difuso pelo qual os homens constroem e reproduzem sua identidade..." (*Folha de S. Paulo*, 2/2/2005).

Assim pensando, nosso grupo vem mantendo acesa aquela chama recompensadora, pois, além da satisfação íntima da obra concluída, alinham-se as manifestações de apoio e incentivo de nossos leitores.

É nesse clima — quem diria — que AMICUS completa seu primeiro lustro de existência. Foram cinco anos de fecundo trabalho de nossos colaboradores, que abordaram um leque das mais variadas questões relativas às nossas tradições, ao nosso jeito de ser, enfim, à nossa história.

Ficara, porém, faltando um número de AMICUS relativo à mulher batataense, que, em última instância, é a mulher universal. Lacuna essa que agora é sanada, pois este número todo é a ela dedicado. Não se trata aqui de uma abordagem em torno de grandes personagens da história, ou de questionamentos em torno de direitos defendidos por feministas.

Fiéis à nossa linha de trabalho, voltada à nossa gente, neste número tratamos de mulheres — aqui nascidas ou não —, mas que em Batatais desenvolveram suas atividades, ficando algumas muito conhecidas, outras escondidas no anonimato, porém todas merecedoras de serem lembradas, pela sua determinação em bem trilhar os caminhos escolhidos para suas vidas.

Inicialmente, em "Vida de mulher em Batatais no começo do século XX", o autor, fundamentado em precioso depoimento, registra com grande acerto a posição da mulher, em contexto social de outros tempos. Segue-se "Movimento feminista em Batatais, dos anos 20 às eleições de 1936", que, conforme o título sugere, trata das repercussões, em Batatais, das manifestações feministas que então ocorriam no Brasil.

Em "Diva Nolf Nazário, uma defensora dos direitos políticos da mulher", aborda-se a luta incessante de uma extraordinária batataense, em defesa de direitos femininos que os poderes constituídos teimavam em ignorar.

A óbvia importância dos depoimentos levou-nos ao registro de, pelo menos, alguns. No primeiro, "Não se pode dar o que não se tem", expõe-se entrevista com notória personalidade de nossa cidade, cronista na imprensa local e autora de interessantes memórias.

Em "As escolas fizeram a diferença", apresentam-se diversas entrevistas com pessoas que, embora não ocupem manchetes de jornais, têm muito a nos contar, sobretudo a lutadora mulher batataense de tempos passados.

Em nossa Resenha Bibliográfica, também dedicada à mulher, tratamos de *A medicalização do corpo feminino*, obra que merece ser lida não apenas pelos estudiosos da questão, mas também pelo público em geral, dada a importância e forma como o tema é abordado.

Este número contém ainda um índice de nossos volumes de 1 a 10, o que certamente auxiliará nossos leitores, na busca de matéria anteriormente publicada.

Missão cumprida? Que o digam nossos leitores.

Walter Cardoso  
Coordenador do Conselho  
Consultivo e de Editoração

## VIDA DE MULHER EM BATATAIS NO COMEÇO DO SÉCULO XX

José Carlos de Medeiros PEREIRA\*

RESUMO: Mostram-se vários aspectos da vida das mulheres em Batatais no começo do século XX: relações sociais, saúde e doença, divertimentos, parto e cuidado de crianças, tipos de trabalho, escolaridade, religiosidade.

PALAVRAS-CHAVE: cotidiano, valores culturais, socialização, perspectivas.

### 1. Introdução

São muito raros os depoimentos de mulheres a respeito das condições em que viveram. Mesmo as intelectualizadas dificilmente escrevem autobiografias nas quais as relatem. As do passado, quase sempre com pouquíssima instrução, certamente nem pensariam em que alguém se interessaria pelo transcorrer de sua existência. Só recentemente mulheres jovens, de várias nacionalidades, estão escrevendo sobre a vida do chamado segundo sexo, em seus respectivos países. Assim sendo, não é de se estranhar que tenha causado impacto a publicação, em 1942, por Alice Dairell Caldeira Brant, de seu diário de menina, escrito por volta de 1890. Foi publicado sob o pseudônimo de Helena Morley, com o título de *Minha Vida de Menina*.

Contudo, nas últimas décadas, especialmente a partir da de 1990, começou a haver maior interesse pelo assunto. Afinal, o sexo feminino representa a outra metade da humanidade. Minha mãe, Jorgina Medeiros Pereira, mulher simples nascida na zona rural de Batatais em 1909, relatou-me muitas das condições em que viveu nas primeiras décadas do século passado. Pareceu-me útil publicar nesta revista algumas das informações que ela me prestou. Penso que o que ela relata, retrata, em boa parte, as condições existenciais de meninas, moças e mulheres adultas daqueles tempos, principalmente das pertencentes a famílias de imigrantes. Eu a entrevistei no segundo semestre de 1997 e no primeiro de 1998. De seu relato resultou um livrinho intitulado *Memórias de uma Filha de Imigrantes Portugueses* (Villimpres, Ribeirão Preto, 1999 e 2002). É dele que me sirvo para redigir este artigo.

\* Doutor em Sociologia, Livre-Docente em Medicina Social e professor associado aposentado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP.

Os primeiros 13 anos de sua vida foram passados na zona rural em fazendas situadas à margem da estrada entre Batatais e Altinópolis, a pouco mais de 10 quilômetros de nossa cidade. Seu avô, José Januário de Medeiros, português dos Açores, era proprietário delas, a principal das quais sendo a Limeira, metade da qual foi herdada por seu pai, Manuel José de Medeiros, por volta de 1919. Creio que esses anos foram os mais significativos na sua descrição do cotidiano de pessoas de seu sexo. Perguntei-lhe sobre várias coisas desse cotidiano: alimentação, vestuário, higiene, doenças, remédios, brinquedos, relações familiares, processo de socialização, educação e trabalho, valores culturais etc.

Tendo morrido aos 91 anos, em 2000, ela ainda teve tempo de me esclarecer sobre muitas dessas coisas que, agora, retransmito aos leitores. Entendo que o transcorrer de sua vida, nesse período, pode constituir, com grande probabilidade, um bom indicador de como era a das demais mulheres da mesma condição social, ou seja, pertencentes a famílias de imigrantes portugueses e italianos em processo de acumulação primitiva.



Jorgina Medeiros Pereira  
Anos 1960

## 2. Relações sociais em geral

Chama a atenção o quase completo isolamento social de mulheres e meninas da zona rural, mesmo vivendo à margem da estrada de rodagem. É que não só não havia transportes coletivos, como as pessoas conhecidas praticamente se reduziam aos que trabalhavam na fazenda e aos parentes da família extensa que viviam em fazendas próximas. Diz minha mãe que raramente a mãe e as filhas vinham a Batatais de trole e semi-trole (charretes rústicas). Quase sempre, nesses casos, vinham assistir a casamentos de pessoas da família, já que não conheciam ninguém na cidade. A vida delas transcorria praticamente só no seio da grande família patriarcal comandada pelo avô materno, como era também o caso de grande número de outras famílias, sobretudo de origem italiana, que foi a principal corrente migratória para nosso município.

De acordo com minha mãe, as famílias aparentadas às vezes se visitavam em noites de luar, principalmente para as mulheres conversarem umas com as outras e os homens tratarem de negócios entre si. Elas não jogavam baralho, como muitos italianos e seus filhos, que jogavam sobretudo truco. Algumas famílias mais festeiras e com filhas promoviam bailes, depois de novenas e terços. Armava-se uma lona no terreiro de café e um sanfoneiro tocava. Moços e moças tinham então uma oportunidade de dançar, de se conhecerem melhor e dar início a um namoro. Por vezes faziam-se pequenas festas nos dias de Reis, Santo Antônio, São João e São Pedro. Não era costume de os pais darem presentes aos filhos no Natal, prática introduzida mais tarde por grupos de industriais e comerciantes, por interesses econômicos. No caso específico da Fazenda Limeira, também no mês de dezembro, havia uma quermesse. Ela representava algum divertimento para o sexo feminino. Acontecimentos por vezes divertidos eram os velórios. Rezava-se um terço pela alma do defunto, mas a maior parte do tempo era dedicada ao falatório: contavam-se muitos casos, principalmente sobre aqueles com a participação do finado.

Quando uma moça começava a namorar, logo seu pai mandava que ela dissesse ao rapaz para vir conversar com ele para saber suas intenções: "se era passar o tempo ou se era sério, para casar". Aí o namoro devia ser em casa, na sala, na presença de "alguém da família". Esse alguém era popularmente denominado de "vela". Quando noivavam, muitas vezes já marcavam a data do casamento. O dia deste era de festa, com bons almoços. Em geral casava-se no círculo de conhecidos. O pai da noiva só consentia no casamento quando achava que o pretendente era trabalhador e de boa família. Raramente a filha lhe desobedecia. Mais antigamente, o casamento era arranjado pelos pais dos noivos. Nas fazendas, às vezes, não havia uma casa vazia para os recém-casados. Nesse caso o mais comum era a moça ir morar com os pais do marido, no aguardo do surgimento de uma casa.

Segundo minha mãe, nos 13 anos em que morou em fazendas, nunca soube de qualquer moça que tivesse casado grávida. Obviamente isso não quer dizer que o fato não ocorresse. Possivelmente o acontecimento não chegava aos ouvidos de meninas ou não se tornava público.

### 3. Divertimentos

As meninas brincavam muito de boneca. Elas eram tanto compradas como feitas em casa, de pano, por mães e avós. As próprias meninas faziam bonecas com palha de milho novo, usando o cabelo do milho para imitar os cabelos. Também brincavam de casinha, por vezes com panelas cedidas pelas mães. Outra brincadeira era o "lenço-atrás". Faziam uma roda e uma menina, com um pano na mão, corria pelo lado de fora, deixando-o cair atrás de uma mais distraída. Se esta não percebesse, a menina que corria por fora completava a roda e batia em seu ombro. Como castigo ela teria que permanecer no centro da roda. A corredora tomava o lugar da castigada e outra menina começava a correr. Se a menina atrás da qual fora jogado o pano percebesse a ocorrência, devia correr atrás. Se não a pegasse, a primeira corredora tomava seu lugar e a segunda ficava com o pano na mão, correndo até tomar o lugar de outra. E assim por diante.

Havia muitos cantos de roda. Um deles tinha a frase "quem será a mais bonita?". Cantava-se também "Senhora Dona Sancha" ("Senhora Dona Sancha, coberta de ouro e prata, descubra seu rosto, que eu quero ver a cara"). Também se cantava "A Canoa virou", "Margarida vai à fonte", "Que anjos são esses?", "Pirulito que bate, bate" etc. Outra brincadeira de meninas se chamava "passa-anel". Elas ficavam sentadas com as mãos juntas, estendidas, meio abertas. Uma outra punha as mãos para a frente e carregava um anel ou outro objeto numa delas. Passava-as pelas mãos das demais meninas, deixando cair o anel na mão de uma. Quem adivinhasse na mão de quem ele estava, ganhava pontos. Um outro brinquedo se chamava "boca de forno". Começava assim: "boca de forno, forno". Nesse brinquedo escondia-se um pano. Quem achava também ganhava pontos.

Na cidade já havia mais oportunidade de divertimentos, como bailes, principalmente quando a família da moça era sócia de um clube. Conversava-se muito com as amigas, inclusive pondo cadeiras para fora de casa, na calçada. De vez em quando aparecia um circo. Eles eram relativamente freqüentes em Batatais, dando ensejo a uma diversão diferente. As quermesses, como a que era realizada ao lado da Capela da Santa Cruz, eram um lugar de divertimento para moças e rapazes. Nos anos 20 havia um cinema chamado São Carlos em frente ao Mercado Municipal (onde é hoje o Correio), que passava cinema mudo. Esse cinema

funcionava também como teatro; da mesma forma o Santa Cecília, ao lado do Palácio do Monsenhor Joaquim. Depois, com o Cine São Joaquim, os filmes já eram falados. As moças podiam se divertir fazendo o "footing" no jardim da Praça da Matriz. Os namorados, quase sempre com companhia, davam voltas lá ou se sentavam para conversar nos bancos dessa praça. A ida à missa era outra ocasião de divertimento, porque, antes ou depois dela, se podia conversar com as amigas. Muitas mulheres eram mais ou menos viciadas em jogo de bicho (legalmente permitido até o Governo Dutra, que o proibiu).

### 4. Saúde e doença, partos e crianças

Quanto ao item saúde, naquele tempo, o povo em geral (mas sobretudo as mulheres) achava que o sereno podia fazer mal. Elas eram muito controladas, temendo, por exemplo, tomar banho quando tomavam certos remédios. Estes eram principalmente chás de ervas. Acreditava-se muito em quebranto quando as crianças ficavam prostradas, fraquinhas. Temiam que isso acontecesse em virtude do mau-olhado lançado, quase sempre, por alguma mulher invejosa. Nesse caso, a cura dependia bastante de uma benzeção, em geral realizada por uma mulher especializada no assunto. As mães faziam chá de erva-cidreira no caso de resfriados. Se alguém tinha azia, mandavam mastigar grão de café descascado. Davam água com açúcar para as pessoas ficarem calmas; amarravam um pano na testa, com álcool e folhas de café, para dor de cabeça. Quase com certeza o efeito era psicológico, o chamado efeito placebo, que funciona bem quando as pessoas acreditam nos benefícios do remédio tomado ou na prática alternativa a que são submetidas.

Quanto aos partos, eram realizados em casa, por parteiras. Só em último caso buscava-se o auxílio de um médico. A parturiente costumava ficar alguns dias de cama antes de voltar a trabalhar. Segundo minha mãe, a mulher que dava à luz tomava, durante uns 10 dias, muito caldo de galinha com pão. Sua mãe tomava também vinho, na crença de que contribuía para aumentar o leite. Outras já preferiam cerveja preta adocicada. Como, geralmente, as mulheres tinham muitos filhos, as irmãs mais velhas recebiam a incumbência de zelar pelos mais novos. Pode-se dizer, de certo modo, que elas representavam uma segunda mãe para eles. Numa família extensa, essas irmãs começavam, numa idade precoce, a arrumar a casa e até mesmo a cozinhar e

lavar roupa. Sem dúvida, numa grande irmandade, tinham uma vida relativamente sacrificada.

### **5. Outros trabalhos femininos**

Desde cedo também as meninas da zona rural realizavam alguns trabalhos. Por exemplo, descascar espigas de milho, escolher arroz e feijão, regar as hortas, alimentar porcos e galinhas, colher ovos, buscar água, fazer o café, arrumar a cozinha após as refeições etc. Em geral, esses serviços eram distribuídos em rodízio por elas. Como praticamente não havia roupas feitas, as mulheres aprendiam a costurar, à mão ou usando uma máquina de mão. As de pé eram raras. Costuravam para os filhos, filhas e maridos, calças, camisas, cuecas, vestidos etc. Também faziam roupas de cama e mesa. Algumas chegavam a fazer paletós. Muitas vezes o serviço de costura era feito à noite, à luz de lamparinas e lampiões. Um número menor de mulheres aprendia a fazer tricô, bordados variados e crochê.

Uma outra atividade feminina era, em certas famílias, a feitura de colchões de palha de milho para uso doméstico. Rasgavam-se as boas palhas e se as ia guardando. No tecido do colchão eram deixados bolsos furados, através dos quais a palha era posta. Por esses bolsos é que a arrumadeira de camas enfiava a mão para afofar a palha quando ela baixava demais. Todo ano (ou quase) era ela mudada. Eram feitos novos colchões quando o tecido estragava porque rasgava ou ficava muito puído. Os travesseiros, o mais das vezes, eram enchidos com penas de galinha ou com sementes de paina.

A roupa era lavada usando-se um batedouro de madeira, com uma tina de água ou à beira de um córrego. O sabão era feito em casa. Quando se matava um porco, tudo o que não prestava para comer era posto numa lata, com um pouco de soda. Aproveitava-se também o sebo de vaca. Geralmente, a cinza do fogão (pois se cozinhava com lenha) era guardada para fazer decoada (barrela). Essa cinza era socada numa lata, furada em baixo. Jogava-se água nela na véspera da feitura do sabão e colhia-se a decoada numa vasilha. Esse sabão, chamado de cinza, era usado principalmente para lavar a roupa. Como inexistia eletricidade, mesmo em muitas casas da cidade, ela era passada com o auxílio dos chamados ferros de brasa. Eles eram aquecidos com carvão. Em geral, usavam-se dois ferros: um era deixado esquentando enquanto se passava com o outro. A passadeira devia soprar

bem a cinza das brasas para evitar qualquer perigo de sujar a roupa.

Mesmo na cidade, muitas mulheres, além de doces, bolos e bolachas, faziam também vários tipos de pães de farinha de trigo. Algumas casas possuíam, para isso, fornos de tijolos, comumente chamados fornos de barro. Como se cozinhava com banha de porco, as cozinheiras costumavam conservar carnes imergindo-as nela, usando latas de 20 litros. Na zona rural, e até mesmo na cidade, muitas vezes eram as mulheres da casa que buscavam lenha, procurando galhos caídos nos campos. Nas fazendas com gado leiteiro, às vezes usava-se alguma sobra de leite para fazer queijos, sobretudo o de Minas. Esse trabalho era igualmente de mulheres. Em certas famílias, especialmente italianas, elas costumavam fazer macarrão em casa.

### **6. Higiene e cuidados pessoais**

As casas, na zona rural, raramente possuíam água encanada. Mesmo na cidade, quando ela existia, nem todas tinham fogão com serpentina para esquentar a água. Banheiras e chuveiros, conseqüentemente, eram raros. Assim sendo, para tomar banho, esquentava-se a água numa chaleira para derramá-la num bacião com água à temperatura normal. Geralmente havia uma fossa perto da casa, para defecar e urinar. Principalmente de noite, usavam-se urinóis. Em muitas casas de colonos não havia nem mesmo fossas, obrigando seus habitantes a fazer suas necessidades na terra, usando-se, para isso, muitas vezes, plantações de bananeiras. Papel higiênico era uma raridade nesses tipos de casa, de modo que eram usados jornais e outros papéis e mesmo folhas para a limpeza depois da evacuação. Essas condições das habitações, como se percebe, tornavam difícil a vida das mulheres.

Elas, geralmente, usavam cabelos compridos. Algumas tinham tranças. As mais velhas costumavam usar um coque. Era muito usado o sabão de cinza para lavar a cabeça, na crença de que deixava o cabelo mais lustroso, além de impedir sua queda. Muitas vezes, moças e meninas enrolavam o cabelo usando papéletes de papel ou de pano. As permanentes tornaram-se mais freqüentes depois da década de 1940.

Sobretudo as mulheres pobres pouco cuidavam da pele e das unhas. Geralmente não passavam nada nelas. Mas, especialmente as de pele mais clara, procuravam evitar muito sol. Poucas usavam esmalte, inclusive porque seu uso não combinava com a

lavagem de roupa e de pratos e panelas. O calcanhar, quando ficava grosso, era lixado com pedra-pomes, em alguns lares. Sabonetes eram mais usados para lavar o rosto ou mesmo em todo o banho. Talco quase só era usado em criancinhas. Poucas mulheres usavam perfumes. Mas para ir a festas, muitas moças já usavam batom, ruge e pó-de-arroz. As mulheres mais velhas, sobretudo quando viúvas, vestiam-se muitas vezes de preto, com vestidos longos. O comprimento das saias, geralmente, ficava abaixo dos joelhos.

### **7. Escolaridade e instrução religiosa**

A escolaridade das mulheres deixava muito a desejar no começo do século XX, mesmo nas cidades. Na zona rural pode-se dizer que ela era inexistente. Alguns meninos, filhos de famílias de mais posses, eram ensinados a ler e escrever por pessoas mais instruídas que, às vezes, faziam do ensino sua profissão. Minha mãe se refere ao fato de que seu irmão mais velho, nascido em 1904, aprendeu as primeiras letras, na Fazenda Limeira, ensinado por um moço instruído chamado José Ribeiro, que dava aulas para meninos e rapazes mas não para meninas. Em Batatais o problema da escolaridade das meninas citadinas foi em parte resolvido com a inauguração do Grupo Escolar Dr. Washington Luís em 1911. Algumas salas de ensino primário antes existentes dedicavam-se mais ao ensino de meninos. Mas mesmo no caso do grupo, imagino que a proporção deles devia ser muito maior.

Na verdade, os pais não julgavam tão necessária a aprendizagem, pelas filhas, da leitura e da escrita. Entendiam que o mais importante, para elas, era saber executar as várias atividades consideradas como típicas do sexo feminino, às quais me referi atrás. Em face dessa precariedade de sua escolaridade, o conhecimento do mundo, por parte da maioria das mulheres, se limitava ao meio social em que viviam. Geralmente, elas só iam a alguns quilômetros de sua residência. A idéia de país inexistia, pode-se dizer. Minha mãe me confessou, por exemplo, que ficava na dúvida se brasileiros de outros Estados falavam a mesma língua que ela. As mulheres sobretudo, por quase não viajarem, não tinham noção das distâncias que separavam as cidades das quais ouviam falar. Desconheciam, conseqüentemente, o tamanho do Estado e do País. Em suma, nada sabiam (ou quase) de assuntos respeitantes à Geografia Política. Obviamente

desconheciam praticamente tudo o que dissesse respeito a questões científicas as mais básicas. Ainda usando o exemplo de minha mãe, ela morreu achando que o Sol e a Lua é que giravam em torno da Terra.

Ainda que as pessoas, em sua quase totalidade, se dissessem católicas, a instrução religiosa, na zona rural, era limitadíssima, quase inexistente, sobretudo no caso das mulheres. Não havia padres nem leigos capazes de ministrar essa instrução. Disse-me minha mãe, em cuja vida estou baseando a exposição, como já esclareci na introdução, que foi sua avó portuguesa analfabeta que ensinou as netas a rezar a Ave-Maria, a Salve-Rainha e o Credo. Essa avó falava, segundo ela, do Menino Jesus e de Nossa Senhora. Nas palavras da minha entrevistada: "Eu pensava que todo o mundo era católico. Não sabia que existiam outras religiões e que há pessoas que nem acreditam em Deus... Minha avó dizia que a gente não deve fazer nada de mau para ir para o Céu, que é preciso cuidar dos doentes. Eu acho que aprendi a venerar imagens de santos com ela. Ela tinha muitas, como eu. Nunca ninguém falou nada de Inferno na minha infância. Nem de Purgatório". Estou convicto que essa rudimentaridade de convicções religiosas era o modo normal de entender a religião católica (no caso, não só por parte das mulheres) dos que se diziam, à época, católicos. Na maior parte das vezes tratava-se de uma religiosidade ritualística, sem maior profundidade, bastante centrada na veneração de imagens.

### **8. À guisa de conclusão**

Pela exposição feita, percebe-se o quanto era árdua a vida das mulheres em quase toda a primeira metade do século passado, mesmo em se tratando daquelas pertencentes à classe média rural. Pode-se dizer que, para elas, o trabalho era muito e o lazer pouco, quase inexistente. Creio que muitos idealizam abusivamente a vida delas no passado. Eu, pelo contrário, entendo que as mulheres tinham uma vida medíocre em praticamente todos os aspectos. Seu mundo era extremamente fechado. Subordinadas a pais, maridos e irmãos, tinham pouca, ou mesmo nenhuma voz ativa, mesmo em assuntos que mais de perto lhes diziam respeito, como o da reprodução. Costumo dizer que os governos e a Igreja viam as mulheres mais como reprodutoras do que como seres humanos responsáveis, com um projeto de vida próprio.

Felizmente, elas estão conseguindo superar aquelas condições existenciais mais desfavoráveis, que não lhes permitia quase nenhuma outra perspectiva de vida que a do casamento numa situação de dependência, principalmente econômica, do marido. Em parte por esforço de organizações femininas, mas muito mais em razão das grandes transformações sócio-econômicas, políticas e culturais ocorridas nas últimas décadas, sobretudo no mundo ocidental. Tais transformações permitiram às mulheres entrar decididamente no mercado de trabalho, inclusive invadindo, com competência, nichos ocupacionais e profissionais tidos tradicionalmente como pertencentes ao sexo masculino. E todos sabemos que sem independência econômica não há verdadeira liberdade. Entendo que o desenvolvimento econômico e social de países no estágio em que se encontra o Brasil dependerá muito de como as mulheres, especialmente jovens, usem a liberdade que foi conquistada nas últimas décadas.

**REFERÊNCIA PRINCIPAL:**

PEREIRA, José Carlos de Medeiros, MEMÓRIAS DE UMA FILHA DE IMIGRANTES PORTUGUESES, Ribeirão Preto, Villimpress, 2ª. ed., 2002.

PEREIRA, José Carlos de Medeiros, The women's life in Batatais, by the beginning of the XX<sup>th</sup> century. AMICUS, Batatais-SP, ano VI, nº 11, pp 7-16

**ABSTRACT:** Several aspects of the daily life of womens living in Batatais in the beginning of the XX<sup>th</sup> century are presented: social relationships, health and diseases, entertainment, mothering, work, education and religion.

**KEYWORDS:** daily life, cultural values, socialization, perspectives.

## **MOVIMENTO FEMINISTA EM BATATAIS, DOS ANOS 20 ÀS ELEIÇÕES DE 1936\***

Walter CARDOSO\*\*

**RESUMO:** Movimento universal que se intensifica sobretudo a partir do término da Primeira Guerra Mundial, o feminismo também encontrou no Brasil defensores. A questão mereceu a atenção da imprensa de Batatais. Quando as mulheres passaram a gozar de direitos políticos, elas concorreram em eleições, obtendo significados resultados.

**PALAVRAS-CHAVE:** família, trabalho, política, voto feminino e partidos políticos.

### **A questão do voto feminino**

A fim de que melhor se possa compreender a proposta deste texto, parece oportuno fazer-se breve resumo sobre a questão do voto feminino, no exterior e no Brasil. Assim, registre-se ao menos que as cruéis experiências vividas durante a Primeira Guerra Mundial certamente trariam, firmados os acordos de paz, uma nova visão de mundo e, conseqüentemente, questionamentos em torno de temas que, embora há tempos vinham sendo discutidos, passaram a merecer maiores atenções. Dentre as questões que suscitaram acalorados debates, esteve o feminismo ou, mais especificamente, os direitos de participação política da mulher.

Na realidade, tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos da América, o sufrágio feminino já vinha, de longa data, sendo defendido por associações que, através de manifestações — exaltadas ou moderadas — visavam convertê-lo em leis que retirassem a mulher da condição subalterna.

Dessas organizações, registre-se aqui ao menos a National American Woman's Suffrage Association (NAWSA), criada em 1890, entidade que, a partir de 1919, teve Carrie Chapman Catt como líder. Do lado inglês, a Congregassional Suffrage Union, fundada em 1913, movimento do qual participou a exaltada

\*O autor agradece a inestimável cooperação prestada pela família de Maria Rita de Menezes Cabral, não só fornecendo dados sobre sua vida, como nos cedendo fotografia.

\*\*Doutor em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Emmeline Pankhursts e sua filha Chistabel.

Nesta breve introdução, não se poderia pretender uma detalhada exposição da luta pelos direitos da mulher, encetada por inglesas e americanas — aliás, importantes partícipes no esforço de guerra de seus países — mas ao menos registrar que, em 1920, ratificava-se, nos E.U.A., emenda constitucional que concedia o direito de voto a todas as mulheres maiores de 21 anos. Na Inglaterra, já a partir de 1918, podiam votar as mulheres casadas, chefes de família, de nível universitário e maiores de 30 anos. Em 1928, concedia-se às inglesas o voto sem restrições. (Para detalhes desses movimentos, nos E.U.A. e Inglaterra, vide: Alves, 1980, p. 70-85)

### Manifestações feministas no Brasil

Quanto à defesa dos direitos políticos da mulher brasileira, destacaram-se, entre outras, a paulista Bertha Lutz, filha de Adolfo Lutz, um dos primeiros diretores do Instituto Bacteriológico de São Paulo (hoje, Instituto Adolfo Lutz, fundado em 1893) e figura proeminente no campo das pesquisas de laboratório, participou de extraordinárias e abnegadas experiências, deixando-se picar por mosquitos provindos de larvas colhidas em áreas de grande incidência de febre amarela (Azevedo, 1994, v2, p. 255 e segs.) Tais atos constituíam um exemplo de desprendimento e luta por causa coletiva, assimilado por sua filha Bertha Lutz que, embora voltada para uma carreira científica, manifestava-se publicamente, em 1918, contra o cerceamento sofrido pela mulher. No ano seguinte, Bertha participa da fundação da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, entidade extinta quando se criou, em 1922, a Federação Brasileira para o Progresso Feminino.

### Proposta Chermont, anos 20

Última década da chamada República Velha, os anos 20 foram marcados sobretudo por contestações políticas e sociais, dentre as quais, o sufrágio feminino. Questão que já tomara corpo em 1919, quando Justo Chermont apresentou no Senado projeto que estendia às mulheres maiores de 21 anos todas as disposições legais, até então exclusivas aos homens. Dentre as justificativas apresentadas, o senador paraense questiona nosso "atrazo político" (sic):

"As nações civilizadas estão adotando em suas leis essa igualdade

de direitos. Não deverá o Brasil matá-las, satisfazendo uma aspiração que se justifica quanto à mulher, pelas provas dadas de capacidade, de aptidão, de coragem e de patriotismo" (Atahyde, 1923, p.122).

Dada a suposta complexidade do projeto — pois admitia-se a necessidade de reforma constitucional — a matéria foi diversas vezes debatida, reformulada e, alguns anos depois, "engavetada". Entretanto, em 1927, a Constituição do Estado do Rio Grande do Norte, em suas disposições gerais, estabelecia que "... poderão ser votados, *sem distinção de sexos*, todos os cidadãos que reunirem as condições exigidas por essa lei" (o grifo é nosso).

A partir dessa conquista, ocorre o alistamento de eleitoras em alguns Estados, muitas vezes impugnados, enfim, aquela longa batalha, com avanços, paradas e mesmo retrocessos, em prol dos direitos políticos da mulher. Situação essa que perdura até novembro de 1930, quando decreto do Governo Provisório dissolve o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas dos Estados e Câmaras Municipais. Assim, sem Legislativo, encerrava-se a luta parlamentar pelos direitos políticos da mulher.

### Primeiras manifestações feministas em Batatais

Como era de esperar, as manifestações feministas que ocorreram em diversos lugares, inclusive na cidade de São Paulo, repercutiram em Batatais. Entretanto, é compreensível que, dadas as características da sociedade local, certamente mais conservadora do que aquela dos grandes centros, manifestações sobre a questão ocorreram, sobretudo através dos órgãos da imprensa local.

São breves notícias, mesmo do exterior, relatando movimentos de mulheres que, terminada a guerra, pressionavam a Liga das Nações, para que esta lhes concedesse o direito de voto (*Gazeta de Batataes*, 9-3-19, p. 3); são textos mais longos, onde se relatam os direitos da mulher na América, África Oriental Inglesa, Canadá, Alemanha, Grã-Bretanha, bem como em outros países menos expressivos, como Criméia, onde "desde 16 de dezembro de 1917, a igualdade política é completa para os dois sexos" (*G.B.*, 10-10-20, p. 1).

Diante dessas notícias, ocorriam reações irônicas, como aquela que trata do decreto do chefe de polícia de Xangai, contra as mulheres que usavam roupas muito curtas, expondo assim... os braços e o tornozelo. Daí, a insinuação: "Se por aqui, no nosso

país, se fizesse um decreto como esse ...” (G.B., 13-2-21, p. 1), ou então, a interessante polêmica travada entre a colunista Margarida Christina e Jacy Moema, registrada em jornal local, interessante fonte para se avaliar o que se pensava sobre a questão.

A primeira inicia a série de seus artigos referindo-se ao “sorriso desdenhoso”, ante a notícia dos debates em torno do voto feminino, pois, concedida essa igualdade, haveria a morte da arte e da poesia, a mulher agiria como homem, deixando de ser mulher. Ou então, votaria para presidente da República, no candidato “bonito e simpático” (G.B., 10-7-21, p. 1).

A resposta à posição de Margarida Christina não se fez demorar. Passados sete dias, o mesmo jornal publicava texto assinado por Jacy Moema, no qual se encontram objeções às colocações da articulista da semana anterior. Inicialmente, Jacy Moema admite que, embora as idéias da “ilustre escritora” sejam contrárias às suas, ela prefere “idéias mesmo contrárias, a essa apatia mórbida, prenúncio da morte das grandes idéias” (G.B., 17-7-21, p.2). Mesmo porque — segundo a autora — somente através do choque entre idéias contrárias é que se chegaria à verdade, ainda recusada pelos “mais brancos ou mais egoístas”. Mas havia homens imbuídos de ideais elevados, contrários ao vergonhoso cativo a que a mulher estava submetida. Quanto a uma suposta morte da poesia e da arte — acarretada pela participação da mulher na política —, a articulista argumentava que a política é a mais importante das artes. Além disso, de “que valeriam a poesia e as belas artes, sem a moral? ...” (G.B., 17-7-21, p. 2).

Na semana seguinte, a tréplica de Margarida Christina: tanto na natureza, quanto na sociedade, não ocorrem saltos, mas uma evolução gradativa, portanto, transformações diferentes daquelas pretendidas por “feministas, sufragistas, anarquistas, bolchevistas ...” (G.B., 24-7-21, p. 2). Assim, ou a mulher perderia, se viesse a participar da política, ou esta é que seria prejudicada com a intromissão da mulher. Além disso, acima do trono público e resplandecente da política, está a moral e sem esta não pode haver arte nem poesia. E, como último recado a Jacy Moema: “A culinária não deixa de ser arte”.

Em sua resposta, Jacy Moema vê em sua opositora uma alma sonhadora, que “sobe nas asas da fantasia e vai ainda molhar sua pena nas cores do arco-íris” (G.B., 31-7-21, p. 2). Prosseguindo, admite haver conexões entre poesia, arte e imoralidade. Como exemplo, na Antiguidade Grega, onde a arte e a poesia

teriam chegado ao ponto de se cultuarem deuses de conduta moral reprovável, ante preceitos cristãos. Além disso, não se tratava de desprezo ao homem, mas apenas a busca de uma conscientização do papel da mulher na sociedade.

Pela terceira vez, Margarida Christina volta à carga. Agora, em defesa da poesia que, segundo ela, não poderia existir sem moral, “porque só é poético o nobre, o elevado, o grandioso e puro” (G.B., 14-8-21, p.2). Fora a moral grega que contaminara a poesia e não esta a responsável pela queda da Grécia. Embora Platão fosse contra os poetas, músicos e pintores, ele também fora poeta. E, para concluir, uma advertência: “O feminismo vai deixando vestígios pelo caminho ... Mas há ventos e chuvas ...”

Como já vinha acontecendo, a resposta não tardou. Na semana seguinte, Jacy Moema inicia sua coluna argumentando que os tempos haviam mudado. Já não competia à mulher apenas agradar ao seu marido e cuidar dos filhos. Então, as brasileiras estavam colocadas naquela vertiginosa vida de trabalho, lutando pela sobrevivência, sem armas de defesa. Embora preferidas para diversos empregos até então ocupados pelos homens, as mulheres recebiam menores ordenados. Maior injustiça era a das mulheres que, em seus trabalhos, estavam subordinadas a superiores menos competentes do que elas. Injustiça e imoralidade praticadas contra a mulher, “porque são os homens que fazem as leis; por eles são elas executadas”. (G.B., 21-8-21, p. 2).

Passados sete dias da publicação do texto acima, Margarida Christina escrevia novamente contra o feminismo, porém, já não há preocupações de ordem poética ou artística, mas sobretudo questionamento sobre o sentido da verdadeira conquista: “Será ela a conquista do feminismo, do socialismo, do bolchevismo? Virá ela da Rússia rubra que pretende fazer da Humanidade uma Humanidade de Homens — essas sociedades inconscientes ...” (G.B., 4-9-21, p.1). Em seguida, a articulista admite que a mulher alcançará sua emancipação pelo trabalho. Para tanto, não haveria necessidade de avassalar o campo onde o homem trabalha, para onde a mulher fora atirada, em decorrência das necessidades de guerra. Que se lhe concedessem seu adequado campo de trabalho.

Nesse quadro de convulsões, “surgiu o bolchevismo horrendo, o feminismo doentio, o sufragismo aterrador, o socialismo potente”. Então, ainda segundo Margarida Christina, a mulher buscou sua independência, pois percebera que podia fazer diversos

serviços até então exclusivos dos homens. Entretanto, era necessário que a mulher tomasse cuidados, para não cometer exageros, evitando o contágio das idéias absurdas, "dos fanatismos rubros e insolentes", que lhe poderiam causar grandes males.

Jacy Moema responde à Christina de forma algo irônica: "De fato, o mundo está sendo impelido, por mãos femininas, a um despenhadeiro" (*G.B.* 11-9-21, p. 2). A mulher já não ficava em casa, esperando que do céu chovesse maná para seu sustento, abandonara o lar para disputar trabalho com o homem. Buscava imitar em tudo as estrangeiras que, esquecendo-se do recato próprio à mulher, se convertiam em mães desnaturadas que abandonavam seus filhos em creches, afrontando profissionalmente os homens, como normalistas, farmacêuticas e advogadas. Longe iam os tempos dos Lusíadas, Eneida, Ilíada, sobrepujados que estavam pelas "sirigaitas que escrevem aos namorados e, entre eles, escolhem seu marido". Tudo redigido com aquela ironia quase condescendente.

Pausa de duas semanas e nova coluna assinada por Margarida Christina: "Eu me apresento sem ódios e sem rancores defendendo e apresentando sinceramente as minhas idéias ... Não procuro chegar por ínvios atalhos ao pagode da ironia" (*G.B.* 25-9-21, p.1). Nada contra as professoras, médicas, engenheiras, farmacêuticas, advogadas ou musicistas. Apenas contra a assimilação dos fanatismos rubros e insolentes. Mesmo porque, já nos bancos da Escola Normal, ouvira "as sábias lições dos meus bondosos mestres". Agora, pacifista, ao regressar de seu trabalho, almejava apenas o convívio carinhoso com seus pais.

Jacy Moema não responde a esse texto e dela deixam de ser publicadas matérias que levam sua assinatura. Mais uma vez, Margarida Christina volta a escrever sobre a mulher. Desta vez, em texto enviado possivelmente de Piracicaba, enaltece Bárbara Heliadora, heroína da Inconfidência Mineira, mulher de Inácio José de Alvarenga Peixoto, que "assistiu serena, algemarem (...) para o caminho do exílio" (*G.B.*, 23-4-22).

Era o fim de uma porfia travada entre duas pessoas que, apesar das discordâncias, souberam manter uma postura respeitosa, digna e às vezes até cordial.

Por esse tempo, a imprensa local acolheu outras manifestações em torno da questão, manifestações nem sempre redigidas com a seriedade das duas autoras, acima citadas. Assim, por exemplo, enquanto ia acesa a batalha verbal entre Christina e

Jacy, certo cronista, que usa o pseudônimo de Xyz, narra um sonho no qual Margarida Christina era um deputado que, após realizar conferência sobre amor livre, passa a ter, com um senador, diálogo algo irreverente. Nessa conversa, Christina usa linguagem que nada tem de feminilidade: "Não suporto palavras ditadas pelo coração, porque quando o cérebro não pensa, o coração não regula" (*G.B.*, 7-8-21, p. 2). Prosseguindo a narrativa de seu suposto sonho, Xyz registra absurdo diálogo entre a suposta deputada Christina e o senador, ao qual ela promete: "Eu lhe darei cem beijos, se a sua pessoa me garantir a posse presidencial". Linguagem, como se vê, inadequadamente zombeteira, incompatível com a seriedade e posição de Margarida Christina.

Como era de esperar, tais provocações, nada sérias, não foram respondidas, o que levou Xyz, passadas três semanas, voltar às páginas do jornal. Inicialmente, reclama porque não lhe fora dada qualquer resposta. Diz apreciar Margarida Christina e Jacy Moema, mas acha que "desde o dia em que a mulher entrou no estudo do Código Civil, deixou no cesto de roupas sujas, com suas meias de fios da Escócia e as camisas de renda, o que tinha de mais apetecido aos olhos do sexo forte" (*G.B.*, 27-8-21, p. 2).

O silêncio de Margarida Christina e de Jacy Moema desencorajou os gracejos de Xyz, que, daí para a frente, nada mais escreve.

Na mesma época, outro cronista também se manifestou sobre a questão, ao tratar de modas. Em texto que leva a assinatura de José Jorge, fica registrada a reprovação de seu autor às modas femininas, pois já eram passados os tempos em que as Julietas, Desdêmonas e Heloíças cobriam-se desde as pontas dos pés, até a nuca. Então, estava ocorrendo um extravagante comportamento do melindrosismo, "espécie de avareza de tecidos que expõe à natural contemplação do homem, os colos alabastrinos e as roliças pernas das mais distintas filhas de Eva" (*G.B.*, 14-8-21, p.1). Ante essa postura escandalosa das mulheres, os homens reagiram declarando-lhes guerra e criando assim o "almofadismo", caracterizado pelo chapéu de copa baixa, gravatas de cores extravagantes, colarinhos esquisitos, etc. "Bendita guerra essa", conclui o cronista.

Um balanço dos registros do movimento feminista na imprensa de Batatais, de inícios dos anos 20, mostra que a maior parte dos textos é de colaboradores, enquanto que, sob a responsabilidade dos redatores dos jornais, apenas breves notícias do exterior. Como era de esperar, a defesa do sufrágio era feita de

forma respeitosa, enquanto seus opositores chegaram a recorrer ao deboche.

Assim, as idéias reformistas, embora não fossem ignoradas pela imprensa local, permaneceram em quase estado latente até agosto de 1922, quando se passou a contar com a colaboração de Diva Nolf Nazário, extraordinária sufragista. Sua importante participação no movimento merece ser examinada de forma mais pormenorizada.

### **Era Vargas, anos 30**

Banidas as leis eleitorais pelo Governo Provisório, aguardava-se um novo Código Eleitoral. Este, promulgado em fevereiro de 1932, trouxe como importantes aprimoramentos, além do voto secreto, o voto feminino (Decreto 21.076).

Entretanto, a insatisfação, sobretudo paulista, ante a inexistência de uma Constituição, une Partido Republicano Paulista PRP e Partido Democrático PD, formando-se assim a Frente Única, que passa a pressionar pró-Constituinte. Quase como corolário, segue-se a Revolução Constitucionalista de 1932. Embora vencidos pelas armas, perrepistas e pedeístas juntam-se nas eleições de 3 de maio de 1933, para a eleição dos Deputados que comporiam a Assembléia Nacional Constituinte.

Como candidata a deputado federal pelo Rio de Janeiro, inscreve-se a paulista Bertha Lutz, então radicada no Distrito Federal. É eleita primeira suplente (Alves, 1980, p.126). Dos 22 eleitos por São Paulo, 17 candidatos são da Frente Única, dentre os quais, a Dra. Carlota Pereira de Queiroz, sem partido, que veio a ser a única mulher a assinar a Carta de 1934.

Contemporânea de Domingos Queiroz de Moraes (ambos nascidos em 1892), a quem era ligada por laços familiares, Carlota Pereira de Queiroz formara-se em Medicina em 1926. Eleita para a Constituinte, ao chegar ao Rio de Janeiro, em novembro de 1933, "foi recebida na estação da Central (...) entre flores e aplausos..." (G.B., 12-11-33, p.4). Durante os trabalhos da Constituinte, foi membro da Comissão de Saúde e Educação, voltando então sua atenção para a saúde infantil e a alfabetização. Teve seu mandato estendido até 1935.

É importante registrar que Carlota Pereira de Queiroz ingressou no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1934) e foi membro da Academia Nacional de Medicina (1942), tendo posteriormente participado da fundação da Academia Brasileira das

Mulheres Médicas. Ainda em outubro de 1934, é eleita Deputado, ocupando seu cargo até a implantação do Estado Novo, em 1937. Faleceu na cidade de São Paulo em 1982.

### **Batatais, nesse quadro político**

Sabe-se que a Revolução Constitucionalista de 1932 contou com entusiástico apoio de todo o Estado de São Paulo. Batatais não foi exceção, pois contribuiu à causa de forma deveras efetiva. Além dos voluntários que seguiram para as linhas de frente, a cidade deu as maiores demonstrações de apoio ao movimento, tal como a participação em campanhas para a arrecadação de fundos. Jornal local, aderindo ao movimento, ao abrir lista para a aquisição de capacetes de aço, recebeu adesão de diversas senhoras, inclusive da Associação de Bola ao Cesto, entidade esportiva feminina (G.B., 18-8-32, p.1).

Em janeiro de 1933, instala-se na cidade a Liga Eleitoral Católica, com uma seção feminina. Nos jornais, a campanha pelo alistamento da mulher é intensa. Compreende-se assim a mensagem de Chiquinha Rodrigues, redatora da revista *A Cigarra*, pedindo o voto da mulher paulista: "Pela nossa terra, pelo amor de nossa gente, pelo passado longínquo que foi trabalho, pelo passado ontem, que foi gemido e civismo, vote" (G.B., 22-3-33, p.1).

A própria "Crônica Religiosa", publicada na imprensa local, obviamente destinada ao registro de assuntos relativos à Igreja, insere, com o subtítulo "Voto feminino", recomendação para que todas as mulheres se conscientizem da campanha pró-alistamento:

"Votar, disputar por meio das eleições o lugar aos mais dignos, é um dever primacial de todo o patriota, não devendo nenhum fugir a essa obrigação: a mulher, que forma no lar, o homem e o cidadão, tem o direito de escolher os dirigentes de sua terra" (G.B., 12-3-33, p.1).

Chegava-se assim às eleições de 3 de maio de 1933, já referidas em linhas acima. Em Batatais, a Chapa Única obteve 79% dos votos (G.B., 28-5-33, p.1), dentre os quais, aqueles certamente a favor de Carlota Pereira de Queiroz.

Vieram depois as eleições de outubro de 1934, para as Constituintes Estaduais e para o Congresso Federal. A Frente Única estava dissolvida. Fundado que fora em fevereiro de 1934, o Partido Constitucionalista PC — de certa forma, uma continuação do

PD ligado à parte da ala jovem do PRP —, passara a ser a agremiação política mais forte em São Paulo. Tempos que, em Batatais, a imprensa registra que “o entusiasmo do elemento feminino foi enorme, notando-se da parte de inúmeras senhoras e senhoritas um empenho louvável...” (G.B., 18-10-34, p.1).

Apuradas as urnas, como era de esperar, o PC obtinha maior votação no Estado, ao passo que Batatais permanecia reduto perrepista. Situação que irá se repetir em 15 de março de 1936, quando se fez a primeira eleição de vereadores, após a restauração do regime constitucional. Então, dos nove vereadores eleitos, cinco pertenciam ao PRP e quatro ao PC. Novos tempos, mescla de nomes tradicionais e de políticos que despontam. E, concedidos os direitos políticos às mulheres, inscreve-se uma candidata a vereador, a primeira na história de Batatais.

### **Maria Rita Menezes Cabral, primeira mulher candidata**

Filha de Augusto Tello de Menezes Cabral e Maria Luiza de Menezes Cabral, Maria Rita de Menezes Cabral nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 8 de maio de 1872 e faleceu em Batatais no dia 29 de setembro de 1952, com 80 anos de idade.

Foram seus irmãos: Júlia Cabral de Oliveira, casada com o médico cearense Doutor Raymundo Justiniano de Oliveira, João Batista Moraes de Menezes Cabral e Augusto Tello de Menezes Cabral, ambos solteiros e falecidos em Batatais. Na família, e por seus sobrinhos — Julieta, Maria Luiza, Hercília, Regina, Angelina, Sylvia e Judith —, sempre foi chamada carinhosamente de tia. O povo de Batatais, o qual muito amava, chamava-na de Dona



Maria Rita de Menezes Cabral e sua sobrinha Hercília  
Acervo: Maria Luiza Mello André

Mariquinha.

Nos primeiros anos do século XX, quando Batatais ainda não contava com seu modelar Grupo Escolar Dr. Washington Luís, o ensino das primeiras letras era, em grande parte, ministrado em escolas particulares. Dentre estas, o Externato Cabral, criado por Maria Rita Menezes Cabral, convertida em professora, ante a necessidade de ensinar seus sobrinhos, que então se iniciavam nos primeiros estudos (*Gazeta de Batataes*, 28/01/1937, p. 4).

Dotada de excelente formação escolar, pois estudara no Colégio da Lapa, do Rio de Janeiro, de 1880 a 1888, Maria Rita adquiriu aqueles conhecimentos que foram transmitidos a seus alunos, destacando-se a língua francesa, e não olvidando preceitos morais e virtudes cristãs. O Externato funcionava ao lado de sua residência à Praça Cônego Joaquim Alves Ferreira, do qual esteve à testa até fins de 1936, quando outras professoras assumiram a direção da escola.

É interessante registrar que, nas eleições para vereador acima referidas, a educadora Maria Rita concorreu, como candidata do Partido Constitucionalista, sendo assim a primeira mulher a disputar um cargo eletivo em Batatais. Obteve então 60 votos, o que lhe assegurou a segunda suplência.

Ante a renúncia de vereador do seu partido, bem como do primeiro suplente, cabia-lhe assumir a cadeira. Entretanto, em reunião da Câmara de 10 de outubro de 1936, era apresentada a solicitação de sua renúncia, encerrando-se assim aquela meteórica carreira política (Câmara Municipal de Batatais, Livro de Atas de 1936, p.13). Sobre ela, nada mais registram as atas da Câmara e nem os jornais. Pressões, desenganos ou desmotivação?

No ano seguinte, profundas modificações no quadro político, quando se implanta o “Estado Novo” e, novamente, suprime-se o cargo de vereador. Ainda levaria algum tempo para que as mulheres tivessem espaço nas Câmaras Municipais...

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e Feminismo - A luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

ATHAYDE, Austregésilo. *Perfil da mulher brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.

AZEVEDO, Fernando de (Org.). *As Ciências no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

Outras fontes:  
Arquivo da Câmara Municipal de Batatais, documentos de 1919 e 1937. (ACMB)  
*Gazeta de Batataes, SP, anos de 1933 a 1937. (G.B.)*

CARDOSO, Walter, Feminist movement in Batatais, from the 20's to the elections of 1936. AMICUS, Batatais-SP, Nº 11, pp 17-28  
ABSTRACT: Worldwide movement, intensified after the end of World War I, the feminist movement also found defenders in Brazil. The issue deserved the attention of the local press. After conquering their political rights, they ran for elections obtaining significant results.  
KEYWORDS: family, work, politics, women's vote, political parties.

## **DIVA NOLF NAZÁRIO, UMA BATATAENSE DEFENSORA DOS DIREITOS POLÍTICOS DA MULHER\***

Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO\*\*

RESUMO: Dentre as defensoras do sufrágio feminino, destacou-se Diva Nolf Nazário. Na década de 20, ao tempo em que era acadêmica de Direito, ela exerceu intensa atividade, fazendo pronunciamentos, escrevendo artigos e um livro, em prol da causa. PALAVRAS-CHAVE: lei, sufrágio, feminilidade, cidadania, política.

### **Genealogia e formação de Diva**

O Tenente-Coronel José Paulino Pinto Nazário, natural da então Província de Minas Gerais, nascido em 1818, foi antigo morador de Batatais, onde, conforme se depreende de sua patente na Guarda Nacional, ocupou posição de destaque (Frans, 1939, p. 107). Ao falecer, em 1901, deixou uma filha chamada Maria Rita de Paula Pinto Nazário, nascida em Batatais, em 1875, além de três filhos, José Paulino Pinto Nazário, João Paulino Pinto Nazário e Paulino Pinto Nazário, todos quatro nascidos de seu casamento com Joaquina Cândida Pinto Nazário, falecida em 1913.

Maria Rita casou-se em Batatais com o belga Yvon Nolf Filho, professor, jornalista e agricultor que, em 1895, lançara o jornal *A Penna*, impresso em prédio do sogro, José Paulino Pinto Nazário. Após seu casamento, Yvon passou a assinar Ivão Nolf Nazário, o que explica o nome dado a sua filha, nascida em 1897 em Batatais, Regina Cecília Maria Diva Nolf Nazário.

Em 1907, Diva foi com seus pais morar na Bélgica, pois Yvão se estabeleceu em Bruxelas, com negócios ligados ao café. Antes de partir, criou em Batatais a Casa Belga, administrada por seu cunhado e sócio José Paulino. Exportavam café brasileiro, importando, por sua vez, artigos europeus de grande aceitação no Brasil.

A guerra (1914-1918) certamente prejudicou suas atividades comerciais, o que o obrigou a retornar ao Brasil, em companhia da esposa e da filha. Chegando em 1917 à cidade de São Paulo,

\*A autora agradece o material que lhe foi gentilmente franqueado pela família de Diva Nolf Nazário, de incontestável importância para a elaboração deste texto.

\*\*Professora de História da Rede Estadual de Ensino, aposentada.

a família fixa residência e Yvão funda um estabelecimento de ensino comercial, o Instituto Moderno.

**CASA BELGÁ**  
**Irmãos Nazario**

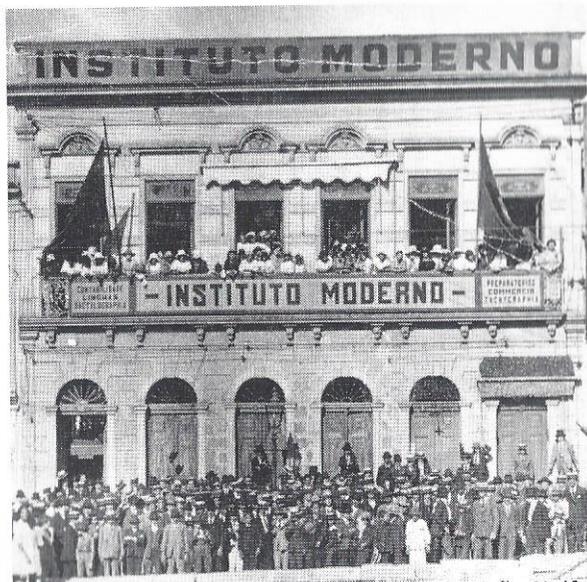
— Importação de armariños, perfumarias, papeleria, coaservas, biscoitos finos, doces, Ferragens, brinquedos, etc. —  
— Importação directa da Belgica —

Agência da casa *O TIGRE* de Brucellas,  
Grande Torrefação Modelo de Café e Cacau  
Consignação de generos brasileiros  
*Yvon Nolf Nazario*

Depositarios da Fabrica Ytutinga de productos farinaceos de primeira qualidade.  
*Medalha de ouro na Exposição Nacional*

Rua Municipal - esquina da rua Direita - Batataes

Propaganda de Casa Comercial pertencente aos Irmãos Nazário e Yvão Nolf Nazário (Gazeta de Batataes, 12/3/1911 p. 4)

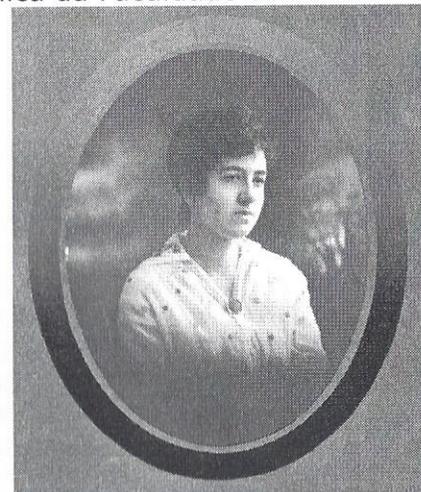


Inauguração do Instituto Moderno de Yvão Nolf Nazário na Praça João Mendes em São Paulo  
Acervo: Celisa Pinto Nazário

Na década de 20, Diva, acadêmica da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, participa ativamente do movimento em prol dos direitos políticos da mulher (Nazário, 1923, passim).

No livro que posteriormente publicou, Diva relata o sucedido nas eleições para uma nova diretoria do Centro Acadêmico XI de Agosto daquela Faculdade de Direito de São Paulo, no ano do centenário da Independência.

Nessas eleições todos os alunos matriculados tinham o direito de votar, tendo o pleito transcrito em boa ordem, apesar de existirem duas chapas muito disputadas.



Diva Nolf Nazário - 1919  
Acervo: Celisa Pinto Nazário

Ao assinar a ata para a votação, o presidente da mesa eleitoral pediu à Diva que anotasse na margem "em separado". Foi também impedida de colocar nas urnas as suas três cédulas (para a Diretoria, Comissão de Redação e Comissão de Sindicância), sendo que o mesário escreveu nelas o seu nome, colocando-as em separado junto a uma das urnas.

Perplexa e extremamente magoada, Diva perguntou-lhe o porquê daquela atitude injusta e arbitrária. Foi-lhe dito que no ano anterior já haviam feito o mesmo com outra colega "por pilhéria".

Não conformada com o acontecido, pois sabia que esta atitude não estava amparada nos Estatutos do Centro Acadêmico, Diva teve o apoio de vários colegas, tentando fazer com que os mesários revertissem a situação, entretanto, sem obter sucesso. Embora os integrantes da mesa eleitoral reconhecessem que não poderia haver diferenças entre os alunos, pediram que Diva fizesse um requerimento para desfazer "a praxe" que diziam existir, ou seja, da não-aceitação de votos femininos.

A acadêmica recolheu e inutilizou então os envelopes, pediu que fizessem o favor de anular as palavras "em separado", colocadas antes do seu nome na Ata. Ato contínuo, depositou novas cédulas nas urnas.

Seus colegas mesários, ante o imprevisto da situação — que já

tinha sido devidamente fundamentada pelas discussões que se travaram —, acharam melhor dar o caso por encerrado, garantindo a não-continuação de críticas que necessariamente haveriam de receber, pois seu ato contrariava as opiniões de vanguarda pelas quais os acadêmicos do Onze de Agosto sempre se batiam.

Formada em Direito em 1926, casou-se em 1931 com Luiz Duarte Ventura, nascido em Campanha, Minas Gerais, que fora seu colega de turma na Faculdade. Desse consórcio nasceram os filhos Luiz Ivon Nolf Ventura, a 23 de fevereiro de 1934, e Marília Diva Nolf Ventura, a 10 de fevereiro de 1937.

Diva Nolf Nazário Ventura, como passou a se chamar após seu casamento, faleceu em São Paulo, a 18 de abril de 1966.

Durante o período em que ela esteve na Europa, foi-lhe possível ver as conquistas da mulher, experiência trazida para o Brasil, o que lhe permitiu argumentar com conhecimento de causa, nas comparações que se faziam entre mulheres brasileiras e estrangeiras. Por outro lado, sua condição de acadêmica de Direito dava-lhe subsídios para defender a causa, segundo seus aspectos legais. Daí, a fecunda obra de Diva, fazendo pronunciamentos, escrevendo artigos e mesmo publicando interessante livro (Nazário, 1923, passim).

### **A luta pelo direito de votar**

Após superar diversos entraves burocráticos, Diva Nolf Nazário conseguia, em junho de 1922, juntar todos os documentos necessários para a obtenção de seu alistamento eleitoral. Ao apresentá-los ao escrivão responsável para tal encaminhamento, este preferiu consultar o juiz, que, por sua vez, em despacho com data do dia seguinte, se manifestou contra o pedido de alistamento de Diva. A fim de que melhor se possa avaliar esse despacho, é oportuno que dele se façam ao menos algumas transcrições: “não se reconhece ainda, no Brasil a capacidade social da mulher, para o direito de voto. As restrições que se lhe impõem na ordem civil têm um reflexo na ordem política”. Prosseguindo, diz o texto que não existia em nossas leis uma exclusão expressa, mas também era certo que várias tentativas surgiram para tornar legal o direito de voto feminino, sem que qualquer uma lograsse aprovação. A legislação brasileira deixava aberta uma válvula por onde poderiam futuramente ser introduzidas inovações, mas ainda era cedo para se romperem as tradições de nosso direito.

“Nestas — registra o magistrado — as palavras ‘cidadão brasileiro’ empregadas nas leis eleitorais designam sempre o

cidadão do sexo masculino, elegível para os cargos públicos, na plenitude de sua capacidade, idôneo para o trabalho, apto principalmente para defender a pátria, pegar em armas, bater-se por ela contra o inimigo externo ...” (Apud Nazário, 1923, p.22).

Prosseguindo, o despacho reconhece que havia mulheres capazes, mas eram casos de exceção, o que não permitia ao legislador estender esse direito a todas as mulheres. Estas deviam participar mais das atividades domésticas e menos voltadas às questões políticas. Competia à mulher

“dividir harmoniosamente com o homem as responsabilidades da vida em comum, ela, na tranqüilidade do lar, cuidando da ordem doméstica, ele, no trabalho cotidiano, afeitando os meios de prover a subsistência da família” (Ibidem, idem).

Era bem verdade que, futuramente, tais papéis poderiam se inverter, mas, enquanto possível, era necessário manter a mulher naquela condição.

Diante desse despacho desfavorável, Diva escreve para o deputado federal Juvenal Lamartine de Faria, membro da Comissão de Constituição e Justiça, favorável ao projeto em curso na Câmara dos Deputados, que estendia à mulher o direito de voto. Em resposta, o parlamentar lembra que, no ano anterior, relatara a favor de tal projeto. Tratava-se de parecer que não chegara a entrar na ordem do dia, “porque empatou na Comissão de Constituição e Justiça”, mas que, naquele ano de 1922, deveria ser novamente votado.

Ante essa informação encorajadora, passados vinte dias da manifestação do juiz, Diva entrou com recurso. Inconformada com “um final indeferimento não firmado em artigo de lei”, ela tece suas considerações. Examinando o despacho sob o prisma filosófico e sentimental, a recorrente admite que todas as discussões e votações até então efetuadas no Congresso estavam impregnadas de interesses de partidos políticos, deixando-se à margem a aprovação de lei que fizesse justiça às mulheres. A fim de que as discussões e votações tivessem aquela pretendida repercussão no lar,

“seria preciso ver como se portou até então e como se portou daí em diante em seu próprio lar e para com a sua própria família, cada um dos oradores e votantes quanto à estima, à fidelidade e à ajuda prestada (...) *a parte serena e*

*angélica do gênero humano*" (Nazário, 1923, p.24).

A recorrente ainda propõe que se tomasse como referencial inconteste o §1 do artigo 72 da Constituição e não deduções fundamentadas em sentimentalismo, ou condições filosóficas.

Quanto à visão da questão sob o prisma legal e positivo, era imperioso que, de imediato, se entendesse a expressão "cidadão brasileiro". Se ser cidadão é ser habitante de um Estado livre, sujeito às leis de seu país, a mulher brasileira não seria, por acaso, habitante de um Estado livre, ou sujeito às leis brasileiras? Diva argumenta:

"Gramaticalmente e legalmente os termos empregados no masculino, o são também no sentido geral, e, na lei eleitoral, as palavras 'cidadão brasileiro' não '*designam o cidadão do sexo masculino*' mas sim *o natural do país*, maior de 21 anos, salvo as exceções especialmente determinadas pela Constituição, dentre as quais não se acha mencionada a mulher" (Ibidem, p. 25).

Prosseguindo, recomenda que se considerasse o artigo 70 da Constituição, onde fica esclarecido: a idade requerida para o cidadão ser eleitor; quais as pessoas que não podem se alistar; quais os casos particulares de suspensão dos direitos políticos. Nenhuma referência específica à mulher, a qual, obviamente, deveria possuir os mesmos direitos dos homens.

Aliás, outros itens da Constituição deixavam claro não haver diferença entre homens e mulheres, ante a aplicação da lei. Assim, pelo §26 do mesmo artigo 72, não poderia haver autoras de obras literárias ou artísticas e, pelo §28 do mesmo artigo, a mulher, em virtude de sua crença religiosa, seria privada de seus direitos e isenta do cumprimento de deveres cívicos.

Em resposta ao recurso de Diva, o juiz reafirma suas convicções, quanto "às fragilidades do sexo a que pertence a recorrente". Reconhece ele que havia homens e mulheres capazes ou incapazes para as atividades que cada um dos sexos deveria cumprir. Era bem verdade que havia exceções, mas, via de regra, os homens eram incapazes "para pajear crianças", assim como as mulheres eram, em geral, inaptas "para servir em regimentos de artilharia e cavalaria". Dadas, pois, as condições inerentes à natureza feminina, era imperioso que se fizesse restrição ao exercício político da mulher. A expressão *cidadão brasileiro*, empregada nas leis eleitorais, dizia sempre respeito ao cidadão do sexo masculino (Ibidem, p. 29-30).

Encerrava-se assim, de forma desfavorável a Diva Nolf Nazário, seu primeiro pedido de alistamento eleitoral. Mas a questão por ela levantada seria ainda matéria de jornais paulistanos. Tal é o caso de texto publicado no *Jornal do Comércio*, de 10 de junho de 1922, no qual há referência à petição de Regina Cecília Maria Diva Nolf Nazário. O autor chama Regina de "Rainha da Graça", decidida "a se despojar dos privilégios decorrentes de tal nome, para passar a simples situação de votante ..." (Apud Nazário, 1923, p. 108).

Quatro dias depois, o mesmo jornal publicava carta enviada por Diva, na qual ficava registrado:

"Se V. S. achou *graça* em um pedido de alistamento eleitoral, feito por pretendente do sexo feminino, eu penso que é uma coisa muito natural ser-se brasileira, em todas as manifestações permitidas pela lei..." (Apud Nazário, 1923, p. 108).

A *Folha da Noite*, edição de 12 de julho de 1922, também se ocupou da "desanimadora derrota" sofrida por "uma senhorita de nossa sociedade, pertencente também à falange feminista" (Apud Nazário, 1923, p.84), que requerera ao Juiz competente, o seu alistamento eleitoral (obviamente, referência a Diva). Prosseguindo, o articulista recomenda, de forma irônica, que as mulheres se voltem aos seus afazeres domésticos, repartindo assim suas atenções entre o lar e os filhos, até conseguirem a grande vitória.

Em resposta, Diva inicialmente solicita "a hospitalidade de suas generosas colunas", para a defesa de sua posição. Prosseguindo, entre outros argumentos, a missivista esclarece não pertencer à *falange* feminista e não ter exigido "coisa alguma do Meritíssimo Dr. Juiz", apenas pedira o que lhe era garantido pela Constituição, pois considerava-se no "gozo da independência que a nós todos concedem, *sem* gracejo, as leis magnânimas e muito adiantadas da nossa Pátria" (Nazário, 1923, p.85).

Sob a alegação de falta de espaço, o jornal não publicou a carta de Diva, mas respondeu a ela, buscando justificar-se. Não se tratava de ser contrário ao voto feminino. Apenas se admitia que as mulheres brasileiras, para conseguirem seus objetivos, tinham que superar muitos obstáculos. Mesmo porque, como dos homens nada se poderia esperar, era válido admitir-se que as mulheres dessem "uma lição de civismo a esses eleitores sem consciência da sua responsabilidade" (Apud Nazário, 1922, p.86).

### **Diva Nolf Nazário, na Secretaria Geral**

As comemorações do Centenário da Independência do Brasil constituíram uma excelente oportunidade para as Conferências pelo Progresso Feminino. Realizado no Rio de Janeiro, de 19 a 23 de dezembro de 1922, esse evento contou com a presença da paulista Bertha Lutz, que naquele ano estivera nos Estados Unidos, participando de movimentos congêneres. Dentre as representações estrangeiras presentes ao evento, estavam Carrie Chapman Catt, presidente da Associação Americana de Mulheres, bem como outras delegadas. Representantes do poder executivo, parlamentares e autoridades em geral também participaram das reuniões.

Como era de esperar, a conferência do Rio de Janeiro repercutiu na imprensa paulistana, pois, já em 22 de dezembro, a *Folha da Noite* publicava artigo assinado por Pedro Tacques, registrando que:

“andou a cidade em polvorosa a que as velhotas, mais ou menos frescas e saudáveis, d’aquém e d’além mar, esqueceram nesse dia os achaques naturais dos cinqüenta anos, para se absorverem na discussão dos contestáveis direitos femininos” (Apud Nazário, 1923, p.87).

A resposta de Diva não tardou. Em carta dirigida ao articulista, aliás, não publicada pelo jornal, ela reprova tais escritos, pois os mesmos nada contribuíram para o “alevramento da Pátria”. A mulher não buscava direitos políticos para suplantar o homem, mas tão-somente participar das decisões da sociedade.

O encontro de dezembro de 1922, realizado no Rio de Janeiro, foi importante estímulo para que, logo em janeiro do ano seguinte, houvesse reunião da Liga Paulista para o Sufrágio Feminino e se fundasse a Aliança Paulista pelo Sufrágio Feminino. Nessa ocasião, Diva foi eleita para o cargo de Secretária Geral da entidade. Em sessão solene, em homenagem à senhora Catt, Diva proferiu discurso, expondo que o sufrágio feminino era uma reivindicação justa, que se fazia sem perturbação da ordem, sem perigo de destruição da sociedade e da família. A oradora reconhece que no Brasil,

“em regra geral, a mentalidade masculina é composta dos melhores elementos de doura justiça nas magnas questões e de ponderada sofreguidão pelo progresso material e intelectual deste grande país” (Nazário, 1923, p. 63).

De fato, havia projeto tramitando nas altas Câmaras da Repú-

blica, graças ao qual ficava evidente que não se pretendia “deixar a Pátria vegetar num recanto esquecido do grande e belo jardim do progresso das nações civilizadas”. Além do apoio das forças políticas, Diva admite contar com a colaboração à causa, prestada pela imprensa criteriosa, da qual faziam parte jornalistas que eram dignos porta-vozes da opinião pública. Sugere ainda que, como forma de pressão, o maior número possível de mulheres solicitasse alistamento eleitoral, ou que se encaminhassem à Câmara listas assinadas por pessoas favoráveis ao voto feminino.

Não se podem sobrevalorizar as repercussões desse pronunciamento de Diva, pois tudo leva a crer que os grandes jornais de São Paulo deixaram de publicá-lo. Mas sabe-se que ele foi integralmente registrado no *Diário Popular* e no *Jornal do Comércio*. A *Gazeta de Batataes* publicou-o em seus números de 28 de janeiro e 4 de fevereiro de 1923.

### **O feminismo e a imprensa**

Antes mesmo da fundação da Aliança Paulista pelo Sufrágio Feminino, ocorrida em 1923, a imprensa já demonstrara interesse pelo tema. Além dos textos respondidos por Diva, já referidos linhas atrás, outros jornalistas também se voltaram à questão, alguns favoráveis, outros contrários.

O registro de tais artigos ou crônicas não cabe neste texto, mas é oportuno fazer-se referência a breve comentário publicado no *Jornal do Comércio*, de São Paulo, em 25 de fevereiro de 1923. Em notícia relativa ao apoio do presidente do Uruguai ao movimento feminino, o jornalista ironiza aquela busca a direitos concedidos apenas aos homens. Se os obtivessem,

“a mulher que se masculinizar, despojando-se de sua graça, que representa o indispensável condimento de formosura, transforma-se em um ser, tanto ou talvez mais ridículo do que o homem efeminado” (Apud Nazário, 1923, p.116).

Passados dez dias, o mesmo jornal publicava resposta de Diva, na qual ela lembra que as associações feministas não defendiam “direitos absolutamente inconcebíveis”, pois, desde que fossem “direitos”, não poderiam ser “inconcebíveis”, mesmo porque, “um direito é sempre um direito ...”

A polêmica então travada entre Diva e o articulista vai ainda perdurar por alguns números. Enquanto este recorre às vezes a uma linguagem entre metafórica e irônica, propondo que ao homem compete cuidar dos frutos, enquanto as mulheres cuidariam das flores, Diva mantém argumentação séria.

Merece também referência "Bilhete do Rio", publicado em *O Estado de São Paulo*, de 25 de julho de 1923. Nele, há a informação de que estava em andamento no Senado projeto de lei que visava conceder à mulher o direito de voto. O articulista registra que, nos países mais cultos, reconhecia-se a capacidade da mulher para concorrer aos postos de representação, o que não acontecia no Brasil, onde,

"tirante algumas raras senhoras, mais inteligentes, mais batalhadoras, ou apenas mais espevitadas, a verdade é que a massa de nossa população feminina se acha tão pouco preparada para a política militante como a população infantil" (Apud Nazário, 1923, p.92).

Dois dias depois, Diva responde ao jornal, mas, a exemplo do que vinha ocorrendo com suas respostas a outros articulistas, sua carta não foi publicada. De imediato, a missivista coloca-se em posição superior ao articulista, ao admitir que este

"certamente não viajou, pelo menos na Europa, e si o fez, deduz-se que não percorreu o interior de certos países, não se demorou bastante neles para conviver com os habitantes e identificar-se um pouco com sua mentalidade..." (Nazário, 1923, p.93).

Fundamentada em sua experiência na Bélgica, Diva registra que nos arrabaldes de Bruxelas, tanto os homens quanto as mulheres em nada eram superiores aos moradores dos arrabaldes de São Paulo, mas diferentemente do que acontecia no Brasil, lá desfrutavam elas de direitos políticos. Não se tratava, portanto, de "uma evolução social *mais avançada*", como propunha o articulista, mas tão-somente

"porque não se consideram mais parte dispensável no convívio e administração nacional; deram lá o voto à mulher porque julgam ser necessário desenvolver nelas um maior interesse pelos assuntos públicos" (Ibidem, Idem).

Além de seus escritos em jornais paulistanos, Diva Nolf Nazário também foi autora de mais de vinte textos, publicados pela *Gazeta de Batataes*, nos anos de 1922 e 1923, alguns dos quais também registrados em seu livro, já referido. Tal é o caso da resposta a um artigo intitulado "Dous Feminismos". Nele, o autor que se assina D.N., coloca-se de imediato contra o movimento feminista, pois o papel da mulher tinha que ser o de

"induzir, de inspirar, de servir de fator intermediário para o bem e para o mal, há de exercer o papel de Eva aliciando-

nos para o mal, ou o papel de Maria, o lírio celeste, transmitindo o orvalho divino da reabilitação e salvação" (*Gazeta de Batataes*, 3-6-23, p.2).

Ainda segundo D.N., as mulheres agitavam "as asas da fantasia", deixando-se seduzir por miragens, decorrentes não apenas das circunstâncias materiais e sociais, "mas sobretudo à atrofia e à degeneração da ordem moral". Se buscássemos a raiz do fenômeno, verificaríamos que o movimento era decorrência da luta pela própria subsistência das mulheres,

"pelo pão de cada dia e não conseguirem um companheiro na vida, ou porque a natureza as privou dos encantos do belo sexo, ou porque a sua pobreza afugente os pretendentes, nos quais a união já se não baseia no amor, mas ao interesse pecuniário" (*G.B.*, 10-6-23, p. 4).

Eram essas as mulheres que pretendiam os mesmos direitos dos homens. Eram as "desamparadas da sorte", servindo de pretexto às feministas exaltadas, ilustradas e ricas. Esqueciam-se assim de que a mulher, por sua natureza, tinha que ser mãe, esposa e educadora, "rainha de seu lar e felicidade de seu esposo". Que se deixasse à margem o divórcio, o amor livre, mas que se atentasse para os preceitos da Igreja Católica. Após reprovar o pensamento da feminista Chapman Catt, o articulista refere-se a Diva Nazário, cujas idéias, "vagas e elásticas", prestavam-se a "espíritos extremistas ou nimamente exaltados".

Pouco mais de uma semana, sob o mesmo título "Dous Feminismos", vinha a resposta de Diva, advertindo que, por se tratar de um anônimo, ao assinar D.N., usava as próprias iniciais dela. Aliás,

"um anônimo é sempre um intrometido bisonho em assuntos sérios que receia a luz ofuscante da sã crítica (...). O senhor D.N. é sem dúvida, outro recruta do exército dos simples, desocupados que andam a encher tiras de papel com ingenuidades..." (*G.B.*, 18-8-23, p.4).

O caso não merecia maiores considerações. Que os escritos de D.N. ficassem para julgamento imparcial daqueles que tinham consciência da evolução social, benéfica aos países civilizados.

O jornal local vai fazer referência a Diva, pela última vez, somente em novembro, o que talvez se possa compreender, pois ela devia estar voltada à elaboração de seu livro *Voto Feminino e Feminismo*. Trata-se de obra da qual boa parte já fora publicada na *Gazeta de Batataes*, "jornal de minha terra natal que, amavelmente fran-

queou suas colunas a um pouco de propaganda feminista" (G.B. 11-11-23, p.4). Mas o livro é — como se depreende da leitura deste artigo — bem mais completo, pois nele se encontram, entre outras informações, referências às reuniões da Assembléia Constituinte, realizadas em 1890, quando se discutia a questão do voto (p.33 e segs.); reuniões feministas no Rio de Janeiro e em São Paulo (p.60-1); apoios diversos recebidos por Diva (p.69 e segs.); pareceres.

Finalmente, como conclusão, a autora externa sua convicção de que, no Brasil, "o feminismo há de vencer, como venceram nele todas as causas justas, nobres e elevadas, como vencem nele todos os empreendimentos progressistas e salutareis" (p. 169).

#### **Conclusão**

Diva Nolf Nazário tinha razão, pois, nove anos após a publicação de seu livro, as mulheres passaram a adquirir direitos políticos. Para que isso ocorresse, houve necessidade da conscientização da Nação, não apenas graças à contribuição de políticos, mas sobretudo pela participação de mulheres como Diva. Infatigáveis defensoras de seus direitos, elas nos legaram um edificante exemplo de luta por uma causa justa, sem olvidar uma invejável postura ética.

#### **BIBLIOGRAFIA**

FRANS, Jean de. *Gente de Minha Terra* (Batataes de Outr'ora).

São Paulo: s.c.p., 1939.

NAZÁRIO, Diva Nolf. *Voto Feminino e Feminismo*. São Paulo: s.e., 1923.

Periódicos:

*Gazeta de Batataes*, Batatais, SP, de 1/10/22, a 11/11/23. (GB)

CARDOSO, Clotilde de Santa Clara Medina Cardoso. Diva Nolf Nazário a defender of the women's political rights. AMICUS, Batatais-SP, ano VI, nº 11, pp. 29-40

SUBJECT: Among the defenders of the women's right to vote, Diva Nolf Nazário deserves special attention. She was very active at the time she was a Law student during the 20's. To defend her cause, she made speeches, wrote articles and a book.

KEYWORDS: law, elections, femininity, citizenship, politics.

## DEPOIMENTOS

### "NÃO SE PODE DAR O QUE NÃO SE TEM"

**Depoimento de Regina Maura de Souza Barbosa**, recolhido em agosto de 2004, por Claudete Camargo Pereira BASAGLIA\*

É oportuno, nesta breve introdução que antecede o depoimento, lembrarmos que solicitar um depoimento a alguém é fazer um convite para um trabalho de construção das lembranças. O ofício da memória é reconstruir, lembrar mediante uma recriação o que em um tempo anterior havia existido como um fato e nunca mais pode existir como tal.

No decorrer do processo de construção da história da humanidade, a memória foi adquirindo várias faces. Neste depoimento consideramos aquela face que foi trazida da Grécia Antiga, na qual a memória é compreendida como uma experiência ou múltiplas experiências sociais realizadas como cultura e como um trabalho da subjetividade que pode ser transmitida, levada de uma pessoa a outra.

Ao aceitarmos esta concepção de memória, podemos admitir que uma história individual é plena do social, e um depoimento justifica-se na medida em que a vivência de um determinado contexto social pode ser apreendida a partir da história de um único indivíduo.

Esclarecemos que o depoimento aqui transcrito foi recolhido de forma flexível e livre, sem restrição a período ou tema, não seguindo nenhum roteiro pré-estabelecido. Trata-se de um relato que não recebeu interferências, no qual a depoente teve autonomia para tratar do que julgasse de seu interesse e que é aqui apresentado como um documento gerado durante o trabalho de campo. Nestas circunstâncias, passo a palavra à depoente.

"Ao nascermos, tornamo-nos cidadãos e cidadãs do mundo, passando a fazer parte da história do grande contexto social em que fomos inseridos.

\*Mestre em Educação pela UNICAMP e participante do grupo de pesquisa GEPEMEMO (UNICAMP). Professora de Sociologia do Centro Universitário Claretiano. Batatais-SP.

Dizia a avó Clarinda, prima em primeiro grau de minha verdadeira avó materna, Albertina Mello Silva, que minha chegada ao planeta ocorreu em meio a risos e desapontamento. De um lado, o júbilo foi grande, por ser eu a primogênita do casal Glória e João de Souza Marques; de outro, meu pai aguardava ardentemente um varão, que não veio.

Nasci (28/05/1934) e cresci, até quase nove anos de idade, num velho casarão, já demolido, existente na confluência da Sete de Setembro, com a antiga Barão de Cotegipe (atual Dr. Leandro Cavalcanti), embora grande parte de minha infância tenha sido vivida em casa de dona Clarinda, entre os afagos e a atenção dela mesma e da inesquecível mulata Amázilia (Di), mãe de criação de muitos da família. Minha única irmã, Regina Célia, viria quatorze anos mais tarde, tendo morrido precocemente, em 1988.

Em 1943, a família mudou-se para a Praça Cônego Joaquim Alves, 93, bem na esquina com a Rua Major Antônio Cândido.

Já pequena, minha mãe lançou-me na convivência com a música e os livros e, antes mesmo que tivesse aprendido as primeiras letras, minha avó se encarregava de ler e contar histórias para mim. Quanto à música, comecei a aprender piano bem cedo, seguindo os passos de dona Glória.

Aos sete anos de idade (1941), ingressei no Grupo Escolar Dr. Washington Luís, onde ela e a professora Erondina Cardoso (Londa) lecionavam. Ambas se encarregaram de introduzir-me no mundo dos recitativos e discursos, sendo inúmeras as ocasiões em que fui posta a declamar e a discursar. Curiosa em aprender o que quer que fosse, a troca de idéias com os professores e colegas da escola despertou em mim uma sede insaciável de conhecimento.

Encerrados os dias do primário, parte deles curtidos sob a sombra colorida das paineiras que enfeitavam as laterais do velho prédio do Dr. Washington Luís, mudel-me para o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, a fim de, ali, continuar o ciclo de estudos básicos.

De 1945 a 1948, cursei o ginásio, entre cantos, risos e sussurros, vibrando com as colegas, ora na capela enfeitada de flores ofertadas à Virgem Auxiliadora, ora nas salas de aula, regurgitantes de vida nova, ora nos pátios, que serviam de palcos a jogos e brincadeiras, ou no grande salão de festas, engalanado para representações teatrais e ocasiões solenes. Foi um tempo feliz, entremeado pela devoção aos livros, que eu lia

sem cessar.

Após esse quadriênio, fui estudar no Colégio Santa Úrsula, de Ribeirão Preto.

Tinha, então, início, uma nova etapa da vida, onde os estudos foram levados muito a sério e a influência exercida por dona Eugênia Vilhena de Moraes, mestra na arte de ensinar redação, pela professora de inglês, Madre Crucifixo, e a de francês, Madre Encarnação Martins, tornou-se decisiva na escolha de minha carreira.

Tendo-me revelado aluna promissora, recebi da madre provincial das Ursulinas, Irmã Therezinha Dantas, o convite para cursar a Faculdade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, em regime de bolsa parcial e, posteriormente, aperfeiçoar-me numa das instituições mantidas pelas religiosas, nos Estados Unidos. Infelizmente, meu pai não concordou com isso. Nem tampouco permitiu que eu ingressasse na Faculdade de Direito, da Universidade de São Paulo, dando o primeiro passo para concorrer à carreira diplomática, meu grande sonho.

Mas a obediência teve lá suas vantagens, pois, permanecendo no Brasil, vivi anos de proveitosa aprendizagem, empenhando-me no estudo das letras e da literatura, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, de São Paulo, anexa à PUC, onde fui aluna de mestres inesquecíveis, como Kera Stevens, Antonieta Celani, Antônio Soares Amora e Segismundo Spina. Valeram, pois, a renúncia e o sacrifício. Continuo gostando do que fiz e apliquei, com gosto e idealismo, à vida de professora.

Em 1955, concluído o curso de Letras Anglo-Germânicas, com especialização em Literatura Inglesa, iniciei-me no magistério público e privado, passando a lecionar, no recém-criado Ginásio Estadual Antonio Barreiros, de Altinópolis, em agosto de 1956.

Aprovada no concurso estadual para o preenchimento de vagas de Inglês, em 1957, assumi meu cargo efetivo, em Igarapava, voltando a Batatais, pouco tempo depois, para exercer, em comissão, as funções de vice-diretora da Escola Estadual Sílvio de Almeida, atual EESA. Naquele mesmo ano, casei-me com Wilson Newton Barbosa, médico, de cuja união nasceram cinco filhos: Newton Luís, Cristina Maria, Francisco Eduardo, Luís Renato e Renata.

Nos anos subseqüentes, inscrevi-me em concurso de remoção,

transferindo-me para Orlandia (cargo que nunca exercei), Brodowski e, finalmente, Batatais, onde encerrei a carreira pública, na mesma escola em que aprendera as primeiras letras, minha mãe se aposentara, e meu pai fizera parte da primeira turma de alunos: a EEPG Dr. Washington Luís. No período anterior à ida para Brodowski, voltei a exercer, interinamente, o cargo de professora de Inglês, em Altinópolis.

O gosto pelos estudos e os livros marcaram, definitivamente, a minha vida, tendo-me impulsionado a candidatar-me às funções de professor de Língua Inglesa da UNESP, campus de Franca, no que fui vitoriosa. Permanecendo no cargo, de 1971 a 1977, ministrei, concomitantemente, aulas de Literatura Inglesa.

Nesse período, visitei duas vezes a Inglaterra, através do Conselho Britânico, tendo frequentado curso de Literatura Inglesa, na Universidade de Londres (1977 e 1980). Ao mesmo tempo, realizei pesquisas e promovi levantamento de material necessário à elaboração de uma tese de mestrado sobre Sylvia Plath, apresentada em 1980.

Em 1973, quando ainda exercia atividade na UNESP, dei início ao Target, curso de Inglês, visando à preparação de candidatos aos exames patrocinados pelo Conselho Britânico. A luta, ali desenvolvida, foi fartamente compensada, sendo inúmeros os alunos que, desde então, têm prestado os exames das Universidades de Cambridge e Oxford, sediados pela Cultura Inglesa, e se saído bem. No fechamento do século, mais precisamente 1999, passei a escola às mãos de antigas alunas, credenciadas para continuarem o trabalho por mim iniciado, a contento.

Desde o término do curso universitário, até os dias atuais, minha luta em busca de atualização, mediante a frequência a cursos, conferências, seminários e a leitura de livros, jornais e revistas, tem sido incansável. Afinal, não se pode dar o que não se tem, e é dever de quem escreve e ensina compartilhar com o destinatário o que traz dentro de si.

Há cerca de três anos, fui tomada por um desejo incontido de compor crônicas e poesias, prática à qual já me havia dedicado anteriormente, embora de maneira não sistemática. Só Deus sabe o quanto me fez feliz, ao presentear-me com esse estímulo!

No exercício de tais atividades, Batatais tem sido a minha grande fonte inspiradora, ou seja, a cidade, vista pela ótica de quem,

tendo nela vivido, desde o nascimento, nunca se cansou de amá-la e curti-la.

É precisamente esse amor que eu tento transmitir aos leitores, unido à preocupação de estender à posteridade o compromisso de lutar pela conservação das raízes históricas, hábitos e costumes culturais de minha terra natal. Esse, aliás, é o tema do CD *Batatais em prosa e verso*, lançado recentemente, e do livro *Mbaitatadas - crônicas e poesias de minha terra e da minha gente*, a ser publicado.<sup>1</sup>

Se a tentativa logrou êxito ou não, cabe ao futuro dizer!"

<sup>1</sup> Livro publicado em março de 2005.

## AS ESCOLAS FIZERAM A DIFERENÇA

Depoimentos colhidos no início de 2005, por  
Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO

Embora fossem tempos de limitadas perspectivas, elas venceram. Cada uma naquilo que se propôs fazer. Tenacidade e determinação levou-as a estudar formalmente, ou a aprender na "escola da vida".

Para elas, nunca foi demasiado tarde para começar, e nunca se fez cedo a retirada. Muito aprenderam e muito ensinaram. Algumas, quase no anonimato e outras mais conhecidas. Porém, todas credoras de nossa admiração.

### Depoimento da Senhora Odette Fantacini

"Sou batataense, filha de Luís Fantacini e Emma Sbizara Fantacini, imigrantes italianos, que inicialmente trabalharam na roça. Quando eles vieram para a cidade, papai trabalhou transportando pessoas no seu coche, principalmente aqueles que vinham ou iam de viagem pela Mogiana. Mais tarde, utilizava um Ford, que era um dos três carros de praça existentes na cidade.

Papai e mamãe tiveram cinco filhas e três homens. Os nossos primeiros estudos foram feitos no Grupo Escolar Dr. Washington Luís, até o quarto ano. O único ginásio existente para meninas era o do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, mas era pago, e papai não tinha recursos. Algumas de minhas irmãs fizeram o quinto ano nesse Colégio, porque era de graça. Depois pararam.

A minha irmã caçula, a Delminda, teve melhor oportunidade, pois eu e minhas outras irmãs já trabalhávamos e pudemos ajudar papai a pagar os estudos para ela. Ela fez o Ginásio e a Escola Normal no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Depois passou a lecionar em escolas municipais, como em Adamantina e Flórida Paulista. Mais tarde escolheu classe no Estado e hoje, já aposentada, mora em Jaú.

Papai no início mandou os meus irmãos estudarem marcenaria em São Paulo. Depois abriu uma oficina para eles, que durou pouco tempo. Não deu certo, pois os filhos, apesar de hábeis marceneiros, não se entrosavam. Então ele abriu uma loja de móveis, ali na Praça da Matriz, um pouquinho pra lá da casa do Majorzinho. Era um sobrado antigo, com muitas janelas, pertencente aos Roncaratti. Uma parte ficou com estes, onde o Alvinho e a Florinha

instalaram o Registro Civil, e na outra parte, a loja do papai, que ficou lá por muitos anos.

Além dos móveis fabricados na nossa oficina, papai comprava móveis de fora para vender na loja. Comprava muito de Baptista Portinari, pai do artista de Brodowski, que fabricava cadeiras. Baptista tornou-se grande amigo de papai. Chegou a vir em nossa casa, onde o conheci. Ele dizia pra papai: 'faz a menina estudar, olha o meu filho. Às vezes chegam na nossa casa pessoas de outros países, conversam em outras línguas com ele, eu não entendo nada... Fala pra ela estudar, e tal'. Mas, ficou por isso mesmo. Quando pequena, eu não estudei nada além dos quatro anos do Grupo Escolar.

Trabalhei por uns tempos na fábrica de tecidos como auxiliar de escritório. Passado algum tempo, tentei São Paulo, mas lá as coisas são mais difíceis. A gente tem uma impressão... aqui se dizia que lá caía maná do céu, mas quando a gente vai é que vê como a vida é difícil em São Paulo.

Voltei... Por coincidência a amizade com a Esther, a Esther Bologna, empurrou a gente pra frente. Ela era minha amiga. Ela também não havia passado além do Grupo Escolar, pois também não tinha condições, como eu. Tinha ido para o Rio de Janeiro, morar com familiares. Quando voltou para Batatais, abriu uma escola de datilografia defronte da atual loja do Nacime Mansur.

Aprendi datilografia com ela. Isto representou muito para mim, porque datilografia era muito importante naquela época para quem desejasse trabalhar em escritório. Resolvi então comprar uma máquina de escrever velha, mas que dava para usar, e passei também a dar aulas.

Uma tarde, após ter dado aula para o filho do senhor José Keppi, resolvi subir até a casa das minhas amigas Lavagnini para conversar um pouco no alpendre, como era nosso costume. Encontrei com a Neguinha (Zilda Lavagnini), que me disse: 'meu cunhado Zito (Adauto José Covas), quer que eu me inscreva num curso de comércio que vai abrir à noite no prédio do Colégio do Estado (Colégio Estadual Sílvio de Almeida), e eu não quero ir.' Respondi: 'vai sim'. Peguei no seu braço e, atravessando a rua, já estávamos dentro da escola. Fomos recebidas pelo seu Electro Bonini, que era professor do Colégio e um dos diretores da Escola de Comércio.

O resultado desse encontro foi que não só matriculou-se a Neguinha, como eu também, apesar dos meus protestos, alegando que já era velha, pois tinha dez anos mais do que minha amiga. Era o ano de 1953 e eu havia nascido em 1921. Achava que não podia conviver com pessoas mais jovens que certamente se matriculariam na escola. Mas, tanto o professor Bonini, como o secretário, Sr. Uriel Bergamini, me fizeram desistir da idéia.

A Neguinha trabalhava na Cooperativa Rural de Batatais (CORUBA), que ficava na Av. Ana Luísa. No dia seguinte, sua colega de serviço, Clarice Abeid, mais o irmão dela, o Julinho, e ainda outra irmã, a Esmeralda, foram matricular-se na escola.

As aulas se iniciaram em março do ano seguinte, e então eu vi quanto a minha preocupação quanto aos colegas mais jovens foi completamente infundada, pois tínhamos ótima convivência. Os iniciantes começavam pelo curso

Básico e aqueles mocinhos que já tinham o Ginásio, como três dos meus sobrinhos, matriculavam-se no curso Técnico de Contabilidade. Eu completei os sete anos de estudo. Tínhamos excelentes professores, com destaque ao professor Leandrinho que lecionava Português e nos passava coisas que muitas vezes tínhamos dificuldade para compreender. Das suas aulas guardo este caderno."

Na oportunidade mostrou-nos um caderno no qual havia anotações gramaticais em belíssima letra cursiva, como a formação silábica dos versos alexandrinos.

Dona Odette copiava também em papel almaço pautado textos literários que haviam despertado sua atenção, formando com eles álbuns, muito bem cuidados, tendo inclusive algumas páginas dedicadas a antigas moedas.

Continuando, Dona Odete contou-nos que logo que começou a freqüentar a Escola de Comércio, começou igualmente a trabalhar na Companhia de Laticínios de Batatais, a COLABA, que ficava um pouco abaixo da residência dos seus pais, local onde ainda hoje



Odette Fantacini na sua formatura - 1959

se encontra. Criada em fins de 1948 por produtores de leite, tinha a finalidade de distribuir esse produto pela cidade, bem como produzir queijo e manteiga.

O contador daquele firma era o Sr. Antônio Serrazes, que foi lhe ensinando gradativamente o serviço que ela procurava desenvolver a contento.

Com o falecimento do Sr. Serrazes, o diretor-gerente da COLABA, o Sr. Pedro Martins de Barros, achava que Odette era a sua substituta natural. Como esta hesitasse em assumir o cargo, mandou chamar uma pessoa de Ribeirão Preto que a interrogou sobre alguns procedimentos contábeis, até que ela mesmo percebeu que não era difícil preencher o lugar, pois a própria experiência já havia lhe ensinado muita coisa. Esclareceu, porém, que a única dificuldade que teve foi fazer o enunciado do primeiro balanço, que serviu como modelo para os seguintes. Recordar-se ter sido ajudada, mas não se recorda por quem.

Tendo assumido a contadoria, ali ficou, até que em 1980 houve a fusão da Cooperativa Rural de Batatais (CORUBA) com a Companhia de Laticínios de Batatais (COLABA), passando então a denominar-se Cooperativa de Laticínios e Agrícola de Batatais Ltda.

Dona Odette, que contava naquela ocasião 61 anos de idade, achou que era tempo de retirar-se, dando lugar a funcionário mais jovem, a ser indicado pela nova diretoria. Tempos depois aposentou-se.

### A "Capital Nacional do Bordado" começa aqui...

Tendo a entrevistadora comentado com Dona Odette que nos anos 1930 e parte dos 1940, quando não havia ainda escolas técnicas, a oportunidade profissional que se apresentava às jovens de baixo poder aquisitivo era dedicar-se à costura, soube então que:

"Minha irmã mais velha, a Nina (Almerinda Fantacini), aqui nascida em 1907, e falecida em 2000, era bordadeira de mão cheia. Bordava à máquina. Penso que aprendeu sozinha. Casou-se em 1926 com Manoel Simões Marques, que em 1934 passou a ser revendedor de máquinas de bordar PFAFF, na cidade de Ibitinga.

O distribuidor das máquinas era de Campinas, e para cada compradora era oferecido um curso de bordado. Com o conhecimento que tinha, a Nina tornou-se a primeira professora de bordado à máquina naquela cidade.

Ibitinga viria mais tarde a se desenvolver muito nesse ramo, ficando a cidade conhecida como Capital Nacional do Bordado."

Vemos abaixo fotos representativas dessa época.



Almerinda Fantacini (Dona Nina), ensinando bordado às suas alunas em Ibitinga.



Formatura de alunas da Escola PFAFF, com Dona Almerinda Fantacini e seu marido, Manoel Simões Marques, ao centro, e seus dois filhos Laury Léo e Ruy Simões, sentados à frente.

## A ESCOLA DE DONA MARIQUINHA VIEIRA

### Depoimentos de Affonso Morato Silva, João Baptista Marques, Maria Dinah de Barros Lima e Vicente Tassinari

Preocupados com o ensino das primeiras letras para seus filhos, os pais pertencentes às camadas sociais mais favorecidas, sempre os levavam às escolas particulares.

Em tempos passados, eram pequenas casas de ensino, via de regra mantidas por devotadas professoras, que, além de ensinar a ler, escrever e contar, dedicavam-se também àquela formação compatível com os valores vigentes na época.

Dentre tais mestras, permanece viva na memória de seus antigos alunos, Dona Maria Umbelina Vieira, nascida em Mococa em 1888 e radicada em Batatais, diretora do "Externato Infantil", do qual encontramos referências no Álbum Comemorativo do 1º Centenário do Município de Batatais (1839-1939).

O Externato funcionava na residência da sua proprietária, na antiga Rua Affonso Penna, atualmente Rua Major Antônio Cândido, com a Rua Prudente de Moraes. Nessa casa, Dona Mariquinha, como era chamada, morava com sua mãe, dona Custódia Umbelina (falecida em 1934), e sua irmã Fidelcina (falecida em 1966).

Graças aos depoimentos de alguns antigos alunos - saudosos do antigo Externato —, sabe-se que a escola era mista, com classe única. Os alunos eram agrupados em fileiras, de acordo com seu nível de adiantamento. Poder-se-ia dizer que tinha os três primeiros anos do primário, como as antigas escolas de roça. Dona Maria Umbelina era muito exigente e procurava passar aos pequenos o melhor dos seus conhecimentos.

Após cursar essa escola, muitíssimo bem alfabetizadas, as crianças estavam aptas a continuar o curso primário, matriculando-se no 2º ou 3º ano dos Grupos Escolares Dr. Washington Luís ou o do Castelo, ou ainda no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, no caso de meninas.

Nas aulas, caminhava na sala com uma comprida régua na mão, com a qual apontava a lousa. Trajava na maioria das vezes vestido escuro, suas feições eram sérias, porém tratava as crianças com delicadeza. Um caixãozinho de madeira, colocado ao lado da lousa, servia para aquietar os alunos travessos, que ali ficavam sentados por um tempo, olhando para os colegas.

Suas aulas eram entremeadas com o ensino de hinos pátrios e

começavam invariavelmente com uma oração, pois era muito religiosa, tanto que prestara ajuda ao Monsenhor Joaquim Alves Ferreira (falecido em 1946), bem como ao Monsenhor Mário da Cunha Sarmiento, não só nas funções de registro de batizados, como na catequese e no preparo de noivos para o casamento. Foi presidente do Apostolado da Oração.

Faleceu em Batatais em 1976, tendo legado sua casa para o Hospital Major Antônio Cândido.

DONA MARIQUINHA VIEIRA E SEUS ALUNOS - 1939



A partir da esquerda, de baixo para cima: Dona Maria Umbelina Vieira, Ana Maria de Andrade Junqueira (Guimarães), Carmen Aparecida Pippa (Thomazella), Maria Therezinha Pippa (Rochelle), Therezinha Leonice Zanta (Zanella), Leontina Lancellotti, José de Andrade Teixeira Júnior (filho do Prof. José Teixeira de Andrade), Nélio Garcia de Barros, Evódio Gadelha, Maria Aparecida Marques (filha do Prof. José Marques), Maria Jesuína Paschoal de Andrade (filha do Prof. José Teixeira de Andrade), Terezinha Coelho Pereira (Têga), Ana Carmelita Menezes Guimarães (Silva), Wilma Orsolini Faria, Alice Coelho, Carmen Orsolini (Corsini), João Gabriel de Andrade Junqueira, Francisco Carlos Vianna (Toledo), João Baptista Marques (Filho do Prof. José Marques), Affonso Morato Silva, Flávio Magno Menezes Guimarães, Amélio Cândido Zei, Luís Fausto Ferreira, Vicente Tassinari.

Acervo Carmen Orsolini Corsini

## A MODISTA SRA. AURÉLIA ALLIPRANDINI PRADO

### Depoimento de Enide Prado da Costa

"A 7 de outubro de 1899 nasceu mamãe, Aurélia Alliprandini Prado. Seus pais eram: Nicola Alliprandini e Maria Clerice Spinetta Alliprandini, ambos de origem italiana. Vovó nasceu em Como, norte da Itália, e vovô, próximo à Áustria, mas encontraram-se em Buenos Aires (Argentina) e lá se casaram. Vovó tinha 14 anos e vovô 28 anos.

Em Buenos Aires, nasceram mamãe Aurélia e nosso tio mais velho. Mamãe tinha quatro anos quando veio para o Brasil e seu irmão Nicola, dois anos. Ao todo, nossos avós tiveram 11 filhos.

A princípio, dirigiram-se para Franca, onde vovô ia fundar um curtume em sociedade com um senhor francano. Não deu certo, porque o futuro sócio morreu antes mesmo do negócio ser concretizado. Vovô ficou entre desconhecidos e resolveu ir para Ribeirão Preto.

Lá, foi gerenciar um curtume de propriedade dos avós da Dra. Helena Tomazella, que veio a ser médica-chefe do Posto de Saúde de Batatais. Instalaram-se então em uma colônia de italianos, a maioria calabreses (sul da Itália), boníssimos e prestativos.

A convivência fez com que nossos avós assimilassem os costumes deles, principalmente vovô, porém, embora com dificuldade, pois os hábitos daquela gente eram completamente diferentes dos recém-chegados. Eles ajudaram muito nossos avós.

Apesar do ambiente, vovô não descuidou da educação dos filhos. Colocou-os a princípio numa escola italiana e mais tarde matriculou-os em outra escola cujas aulas eram ministradas em língua portuguesa. Mamãe tinha uma amiga de sua idade chamada Armida, ambas iam juntas à escola. Ao fim de um curto tempo, Armida desistiu de estudar e mamãe então "esqueceu" o caminho da escola. Mesmo com a insistência de vovô, nada convenceu mamãe de retornar aos estudos, pois ela queria aprender "costura" para fazer lindas roupas.

De comum acordo, apesar de vovô precisar de mamãe para ajudá-la com os filhos e com o serviço da casa, conseguiram encontrar uma costureira — Dona Rosa Adri, disposta a ensinar costura.

Nesse ínterim mamãe arranhou um namorado português muito mais velho do que ela. No início ficou entusiasmada, mas depois... Ele queria casar-se: mamãe, porém, já estava arrependida do namoro e deu um jeito de terminá-lo. O rapaz não se conformou, ficou furioso e começou a persegui-la com uma arma no bolso.

Vovô trocou de professora de costura, Dona Eugênia Osti, mas o português descobriu o caminho e continuou a perseguição. Resultado, vovô arranjou sócios em Franca e para lá voltou, fundando um curtume no Alto da Santa Cruz, onde construiu uma casa simples.

Meus tios foram crescendo, arrumando emprego, uns estudando à noite, outros desistindo de estudar, mas todos trabalhando. O mais velho tocava violino no cinema, que naquele tempo era mudo, e com o que recebia, pagava seus estudos no Colégio Champagnat.

Mamãe Aurélia foi trabalhar com as irmãs Caroni (Thereza, Vicentina e Angelina), excelentes modistas, e com elas aperfeiçoou-se no ofício.

Usava-se na época troca de fotografias, mesmo entre os rapazes, e meu tio Nicolino (assim ele era chamado) conheceu um jovem, um pouco mais velho do que ele, tornaram-se amigos, e por fim houve troca de fotos entre eles.

Mamãe viu o retrato. Gostou do rapaz e disse:

— Vou me casar com esse moço do retrato. — Era papai!

Iniciaram o namoro. Corria o ano de 1917. Em setembro de 1920, precisamente no dia 25, eles se uniram em matrimônio.

Tudo ia bem, mas os resultados causados pela guerra que se iniciou em 1914, acarretando a entrada de vários países, foram graves. A guerra se encerrou em 1918, trazendo consigo muitas crises: de dinheiro, de doenças, de empregos e a célebre 'gripe espanhola', que infelizmente veio junto. Papai, que tinha um excelente emprego, passou a trabalhar somente três vezes por semana. Eu nasci em 1921, e mamãe viu-se na contingência de ajudá-lo, iniciando a sua carreira de costureira.

Foram aparecendo pessoas solicitando seus serviços. As irmãs Caroni a ajudaram muito e uma delas tornou mamãe a sua modista. A clientela de mamãe aumentou



Dona Aurélia aos 22 anos

e por conseqüência ela viu-se obrigada a expandir seu ateliê, contratando ajudantes, de preferência aprendizes, para acompanharem o seu estilo, que ela foi aperfeiçoando cada vez mais.

As crises da época anterior foram superadas. Em 1929, outra crise, desta vez derrubou muita gente. Mas, felizmente, mamãe e papai conseguiram superá-la.

Em 1930, houve outra revolução. Continuávamos morando no Bairro da Estação — hoje Distrito da Estação. Neste ano nasceu o meu irmão Antônio, o conhecido professor Tuniquinho. Mamãe não parava de costurar e sua clientela aumentava cada vez mais.

Em 1932 estourou a Revolução Constitucionalista. Eu já estava no 4º ano primário e várias professoras do Grupo Escolar eram clientes de mamãe. Entre elas a minha professora, que também já havia ministrado aulas de Português a mamãe. Essas aulas serviram para melhorar seu modo de falar, pois na casa de minha avó se utilizava muito o italiano nas conversações.

O tempo foi passando e mamãe Aurélia foi progredindo cada vez mais. Porém os negócios de papai foram fracassando devido à Revolução Constitucionalista, falta de apoio de seu sócio e outras coisas. Papai fechou a fábrica de calçados e nos mudamos para o centro de Franca. Mesmo assim as pessoas de outros locais da cidade solicitavam os serviços de mamãe.

Em 1941, nos mudamos para Batatais e D. Aurélia continuou com seus serviços para o pessoal de Franca. Ela arrumou ajudantes aqui, foi ensinando os seus métodos e evoluindo bastante em sua carreira. Várias de suas auxiliares tornaram-se excelentes costureiras e ainda trabalham na profissão.

Membros das famílias Simioni, Scatena, D. Ondina e filhas, D. Fiúca Nascimento e tantas outras escolheram mamãe como sua costureira.

Mamãe se especializou em vestidos de noiva, mas não deixou de costurar outros tipos de roupas. Foram muitas as noivas que D. Aurélia vestiu, até mesmo de outras cidades, como: Ituverava, Pedregulho, Igarapava, Franca, São Paulo. Fez o vestido de noiva para Maria Tereza, irmã de Carmen, minha cunhada (Carmen Lídia Coelho Prado).

O seu último vestido de noiva foi para a neta Maria Evangelina, que está guardado como uma relíquia juntamente com o meu. Ela estava com 77 anos.

Depois ela foi definhando, surgiram doenças e a visão diminuiu muito. Apesar do tratamento, teve um espasmo cerebral. Ficou 84

dias inconsciente e por fim nos deixou, para nosso desespero.  
Ela foi uma trabalhadora. Nunca se deixou esmorecer, apesar dos percalços que surgiram. Atendia a todos com igual solicitude creio, era muito estimada por sua clientela, que a considerava como amiga.

Deixou um bom exemplo de: amor ao trabalho, honradez, amor ao próximo e um grande amor a Deus.

A sua morte nos trouxe uma enorme tristeza. O que nos consolou e nos consola é que esperamos, um dia, encontrá-la no céu, onde acreditamos ela deve estar.

Ela faleceu a 24 de julho do ano de 1978."

Descendentes de dona Aurélia:

Enide Prado da Costa, casada com Luiz Gonzaga da Costa, tem dois filhos, quatro netos e duas bisnetas.

Antônio Lemes do Prado, casado com Carmen Lídia Coelho Prado, tem cinco filhos e seis netos.

## DEPOIMENTO DE CARMEN SYLVIA LIMA NOGUEIRA

"Nasci em Batatais, em 27 de agosto de 1924. Tive pais maravilhosos. Mamãe era Maria José Lellis Lima, chamada de Filhinha. Papai era Francisco Tristão de Lima, o Chicó. Era dono do Cartório do 1º Ofício Cível e pertencente a uma família de músicos. Ele tocava violino. Vovô era o Coronel Ovídio, maestro e pianista. Titio Geraldo [Geraldo Tristão de Lima], muito alegre e brincalhão, também tocava piano. Titio Ovidinho [Ovídio Tristão de Lima Jr.] tocava violoncelo.

Considero que papai, por suas idéias, viveu muito adiante do seu tempo. Veja: quando eu tinha quinze anos comecei a fumar escondido, conforme faziam as mocinhas da época. Uma noite, quando já havíamos jantado, e ia ser servido o café, ele, que estava à cabeceira da mesa, deu a volta, colocou um maço de cigarros ao meu lado e me disse: 'Minha filha, você está fumando escondido... Você vai fumar na frente do seu pai e de sua mãe. Não há porque você esconder'. Veja você a cabeça que ele tinha. Mamãe e ele fumavam, meus irmãos, não. Ele se abriu..., quis dizer com aquilo: você nunca esconda nada de mim. Foi meu amigo... morreu com quarenta e oito anos. Podia ter vivido mais, estar hoje aqui..., mas Deus quis assim... Mas isso me derrubou.

Quando pequena, estudei um pouco no Externato Cabral, que ficava lá na Praça e pertencia à Dona Mariquinha Cabral. Era tia-avó do marido da Darquinha. Era uma velha linda de cabelos brancos. Muito elegante, tinha uma classe... ensinava francês, ensinava aquela coisa linda... Eu freqüentei lá, acredito que menos de um ano. Depois fui para o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde fiz o primário e o Ginásio.

Desde pequena eu ia muito para São Paulo, gostava de São Paulo. Depois de moça, quis ir estudar lá. Fiz o curso de secretariado bilíngüe no Externato Ophelia Fonseca, que ficava na Rua Goiás. Desde os tempos de menina, tinha uma amiga, chamada Luzia, que também queria fazer secretariado, e como tinha parentes que moravam nas Perdizes, fui morar lá.

Em março de 1942, foi fundado o aeroclube em Batatais, que começou a funcionar no fim desse ano. No início, foi uma verdadeira 'coqueluche' de jovens querendo aprender a pilotar. Meus irmãos e amigos estavam aprendendo. Disse para o meu pai: eu vou aprender também. Não houve dúvida, ainda mais papai: me entusiasmou. Mamãe e papai me apoiaram integralmente. Tinha a Olga Mello, irmã do dr. Zé Mello, que era muito minha amiga. Ela

tinha mais idade do que eu, já era professora. Ela me disse: eu também vou. Fomos nós duas. O resto era aquela rapaziada. Carlos, que depois foi meu marido, uma turma boa. Nós duas íamos de manhã, com um carro de praça e os rapazes. Foi um tempo muito divertido, muito gostoso, muito puro. Não teve nada, de nada. Senhores casados freqüentavam também.

Aquele foi um tempo maravilhoso. O aeroporto ficava um pouco mais para a frente do local onde é hoje. O instrutor era o Aguiar, um rapaz de São Paulo, de boa família. Toda a manhã a gente ia pra lá e ficava até a hora do almoço. De tarde a gente voltava. Nunca me passou pela cabeça que o avião poderia cair. O avião chamava-se Urbano dos Santos, que chamávamos de Urbaninho.



Olga Mello, Paulo Sérgio Lima, Carmen Sylvia Lima e o Urbaninho

Comecei gostando. Era um avião teco-teco. O instrutor na frente e a gente atrás. A gente comprava um carnezinho e ia pagando as horas de vôo. A mamãe de vez em quando pegava o seu crochezinho e ficava sentada lá. Ela precisava dar uma olhadinha... E fui sempre voando bem, até que chegou a hora de 'solar', ou seja, voar sozinha. Quando esse dia chegou, o instrutor não me avisou. Simplesmente me passou o comando e pulou do avião. Continuei sozinha... É uma sensação linda, uma coisa maravilhosa... Dei a volta e desci bem, não deixando o Urbaninho pular, pois isto é fundamental numa boa aterrissagem.

No campo foi aquele auê: A Carmen já saiu sozinha! Muitas palmas... e um banho de areia e óleo, para completar, como batismo. Era praxe também a chopada, que se fazia à noite numa confeitaria que ficava na Rua Cel. Joaquim Rosa, onde está hoje a casa da Umbelina Guiçardi. A dona era a Dona Amabile Rosada, uma senhora de olho puxadinho, que fazia quitutes saborosos. Você acredita que até hoje eu tenho o discurso que fiz?

Depois disso, era obrigado a fazer uma 'viagem de navegação'. Tem que fazer um mapa, projetando a viagem. O Aguiar disse: 'Nós vamos a Jaboticabal'. Mamãe, muito caprichosa, mandou fazer uma camisa com uma porção de aviõezinhos bordados, para marcar bem o evento... Fomos e voltamos muito bem. Aí eu fui para São Paulo estudar.

Mais tarde, veio um pessoal da FAB para fazer um exame. Isso era obrigatório para ganhar o brevê. Os oficiais vieram aqui e fomos muito bem. Foi uma festa linda. Depois das provas andamos com os aviões deles de cabeça para baixo, fazendo mil peripécias... Tudo era bom. A gente não tinha medo de nada.

No dia em que o interventor Fernando Costa veio, para fazer a festa mesmo, eu não estava, porque tinha provas na escola em São Paulo. Dizem que foi uma festa linda. Nessa ocasião eu quase perdi o ano. Todo fim de semana eu pegava a Mogiana e vinha pra Batatais pra voar um pouquinho.

Em 2002, o presidente do aeroclube me convidou pra ir lá, pois haveria uma festa com demonstrações aviatórias e de pára-quedismo. Estávamos lá só os remanescentes. O Carlos, o Ézio Girardi e eu. Agora, só sobramos o Ézio e eu. Todo aquele pessoal já morreu... A Olga já faleceu faz anos. Na festa, recebi este cartão de prata, com os seguintes dizeres, que me emocionaram muito:

'Homenagem à senhora Carmen Sylvia Lima Nogueira, pela determinação e ousadia em seguir a frente do seu tempo, se tornando a primeira mulher em Batatais a pilotar um avião. Aeroclube de Batatais, verão de 2002, 9 de março. Para grandes vôos, precisamos de asas fortes.'

O curso durou poucos meses, mas eu acho que aconteceram só coisas boas. Ver aquelas tardes esplendorosas de Batatais, a 4 mil metros de altitude, é um sentimento indescritível, maravilhoso. É uma sensação inigualável de liberdade... Quando eu sobrevoava o centro de Batatais, acostumei-me a dar um sinal, produzindo um

ruído, logo detectado por papai, que saía à porta do cartório...

Durante as aulas em São Paulo, numa Semana Santa, o Aguiar me ligou e falou: Carmen, o Urbaninho está aí em São Paulo, arrumando. Você não quer pegar carona e ir para Batatais pilotando? Eu concordei. Ele propôs que eu fosse de trem até Campinas, onde ele me esperaria. Viemos sobrevoando bem, uma beleza... Quando chegamos em Ribeirão Preto começou a escurecer. Ele me disse: 'Carmen, está escurecendo, e como vamos fazer para descer em Batatais, pois não tem iluminação no campo.' Eu falei: 'É mesmo, vamos tentar...' Papai e mamãe sabiam que eu ia chegar de avião... Mas, você veja como era papai... Quando viu que estava escurecendo, contratou quatro carros de praça para iluminar o campo. Desta forma pudemos aterrisar tranqüilamente.

Lembrar disso foi muito bom... Eu tive pais maravilhosos. Eu tive uma infância bonita, uma mocidade bonita. Pude desfrutar de muita coisa. Ganhei uma bicicleta no meu aniversário, acompanhada de uma saia-calça, que era usada naquela época. Mamãe foi linda... cuidava de tudo... já pôs o guarda-roupa junto com o presente.

Eu apreciava novidades, e papai e mamãe permitiam. Sempre zelando, mas permitindo. No caso do cigarro, as moças no clube corriam para o 'toilette' para fumar. Depois que papai me deu o maço de cigarro e nós fomos a um baile, papai me disse: 'Você está com seu pai e sua mãe, você vai fumar aqui, em público'. Papai tinha uma cabeça maravilhosa.

Realmente, fumar é muito triste. Larguei depois de muitos anos. Mas naquela época não havia divulgação sobre os malefícios do fumo, muito pelo contrário, era considerado elegante...

Meu falecido marido, o Carlos Nogueira, sempre me acompanhou e admitiu minha independência. Ele era muito aberto, por isso vivemos maravilhosamente bem... Quando foi criado o Ginásio do Estado em 1948, papai queria me arrumar um lugar como secretária. Carlos achou que não era bom, porque nosso filho, o Rafael, era muito pequeno e precisava de cuidados. Quando ele já havia entrado no Ginásio e podia valer-se sozinho, pois era muito estudioso, soube que havia vagado o cargo de visitadora sanitária aqui no Centro de Saúde de Batatais. O trabalho era só de meio dia. Procurei o prefeito dr. Mário Martins de Barros e pedi uma carta me indicando para o cargo. Naquela época era assim. Fui falar com o governador Adhemar de Barros e consegui, pois tínhamos muito conhecimento lá.

Nessa função pude ajudar muita gente, pois devia fazer visitas, mesmo enfrentando doenças, tinha que ensinar a desinfetar as casas e outras coisas. Depois passamos a dar orientação para as gestantes, pesar as crianças, distribuir o leite que o governo mandava, mas sempre incentivando o aleitamento materno. Foi um serviço que só me deu prazer, pois tive muito contacto com o povo, e agora, quando encontro pessoas que ainda se lembram de mim e se mostram alegres, agradecidas, sinto-me realmente recompensada.

Não perdi aquele meu espírito arrojado... Quase cinqüentona, quando uma rapaziada amiga resolveu aprender a esquiar no Rio Pardo, lá fui eu também, um pouco a contragosto do Carlos, que não gostava muito de água.

Agora que os anos chegaram e tudo passou, fico quieta no meu canto, fazendo minhas aulas de hidroginástica, minhas caminhadas com a cachorrinha Tuca, minha inseparável companheira, torcendo muito e vendo com entusiasmo as conquistas dos mais jovens."

VIEIRA, Elisabeth Meloni. *A medicalização do corpo feminino*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, 84 p.

Sônia Maria de MAGALHÃES\*

O encontro da História com a Medicina tem resultado em estudos que não só enriquecem a literatura, como também sugerem novos temas de pesquisa. Nesse processo, o historiador Fernand Braudel teve importante papel, já que coube a ele a tarefa de promover pesquisas interdisciplinares, incitando representantes de diferentes especialidades a discutir questões sobre história social da Medicina e da doença propostas na revista francesa dos *Annales*.<sup>1</sup>

Na Europa e nos Estados Unidos da América, empreendimentos desse tipo têm sido acolhidos com sucesso. No Brasil, vários estudos têm-se dedicado a essa temática, a exemplo da médica Elisabeth Vieira, autora do presente texto, que busca identificar historicamente as origens e os significados da medicalização do corpo feminino, articulada à emergência da nova visão da prática médica no século XIX, época em que os médicos ampliavam, gradativamente, sua representação, alcançando até mesmo a esfera familiar. Através da higiene pública, esse profissional estabelecia e justificava sua presença na sociedade. Tal difusão inseria-se num projeto maior do Estado, visando consolidar e estender seu desempenho em todas as esferas do social. Por meio de leis impositivas, o governo procurou moldar profundamente o indivíduo segundo modelos sociais de comportamento, tornando-o produtivo e integrado.

Esse novo sistema de governo, denominado pelo pensador francês Michel Foucault como bio-político, caracterizava-se pela proliferação das tecnologias políticas investidas sobre o corpo, a saúde, a forma de se alimentar e de morar, as condições de vida, o espaço completo da existência nos países europeus, a partir do século XVIII. Técnicas que, no seu ponto de partida, encontraram

\*Doutora em História pela UNESP-Franca, com a tese *Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX*.

<sup>1</sup> J.R. (Org). *Médecins, médecine et société en France aux XVIII et XIX siècles. Annales. Economies, sociétés, civilisations*, nº 5, septembre-octobre, 1977, pp.849-1055.

seu pólo de unificação naquilo que então se chamava polícia (sendo uma acepção mais ampla, englobando todos os métodos de desenvolvimento da qualidade da população e da potência da nação). A ciência da polícia consistia em regular todos os fatos relativos ao estado presente da sociedade, em consolidá-lo, melhorá-lo e em agir de forma que tudo concorresse para a felicidade dos membros que a constituíam.

Refletindo sobre essa questão, Elisabeth Vieira acentua que, nesse projeto social capitalista, a mulher também foi eleita para ter a sua condição social e biológica reguladas. A medicalização do parto, por exemplo, objetivava superar a mortalidade materna por intermédio do desenvolvimento da tecnologia de assepsia, do controle das infecções e da bacteriologia. Medidas que permitiram, entre outras coisas, a resolução de problemas cruciais para sobrevivência das mulheres e crianças, fundamentais para a reprodução social.

A medicalização do corpo feminino se constituiu no século XIX, em meio aos discursos de consagração da maternidade, que se tornou então objeto da Medicina. A partir da análise de três temas inerentes à mulher — educação, sexualidade e menstruação — aventados nas chamadas "Theses Inaugurais", obrigatórias para obtenção do título de médico nas faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, a autora investiga o processo de produção de conceitos legitimadores de uma "natureza feminina" no Brasil.

O livro de Vieira leva-nos a refletir sobre práticas médicas orientadas para a manutenção da saúde da mulher, que precisaram de um longo tempo para se legitimar, como a visita periódica ao ginecologista. A introdução do médico no cuidado à saúde feminina, por exemplo, representou, entre outras coisas, a presença de um homem, diferente dos familiares, com atribuições de tocar o corpo das senhoras, sobretudo as áreas consideradas pudendas. Durante séculos, o corpo feminino se constituiu num verdadeiro enigma para os médicos. As concepções sobre a natureza feminina foram produzidas num ambiente de atraso científico e de crença em poderes mágicos capazes de atacar a saúde. No entender de muitos doutores da época, a mulher tinha sido criada por Deus exclusivamente para servir à reprodução. Assim, esses profissionais reforçavam a idéia de que o estatuto biológico da mulher (parir e procriar) vinculava-se a um outro, moral e metafísico: ser mãe, frágil e submissa. Havia um nítido mecanismo disciplinador na valorização da mulher pela sua função reprodutiva, pois caso

ousasse contrariar a sua natureza, a madre (útero) lançaria sobre ela uma série de enfermidades, que iam da loucura e melancolia até a ninfomania.

Mais do que investir em conceitos que subestimavam o corpo feminino, a ciência médica passou a perseguir as mulheres que possuíam conhecimentos sobre como tratar do próprio corpo, a exemplo das parteiras. Além de realizarem partos e tratar doenças exclusivamente femininas, possuíam prestígio junto à comunidade, como manancial de saberes curativos e importantes conselheiras. A atividade delas era diferente da dos médicos, pois, ao contrário deles — que, além de utilizarem um vocabulário técnico-científico, distante da compreensão do doente e de familiares, ainda os afastava do processo de diagnóstico e cura dos males —, as parteiras, por participarem da vivência diária dos habitantes, deterem o mesmo código cultural e a mesma linguagem, facilitavam o processo terapêutico para os envolvidos.

O fato de o ofício ser desempenhado em grande parte por escravas ou suas descendentes indica que a atividade era desprestigiada socialmente, independentemente da sua qualificação. Havia cursos para as parteiras em algumas cidades, mas a maioria detinha apenas a experiência prática passada pela tradição. A partir de 1832, as faculdades de medicina e cirurgia criaram cursos específicos para elas com duração de dois anos.

Pouquíssimas mulheres buscavam atendimento médico, uma vez que preferiam a terapêutica de outras mulheres para tratar de doenças relacionadas ao seu órgão genital, tais como prolapso e pólipos do útero, parto, ulceração interna, febre puerperal, menstruação, corrimento, entre outras. Os doutores, desaprovando esse costume, recriminavam as atividades das parteiras, benzedeadas e outras do ramo. Afóra a preferência pelo atendimento feminino, outros fatores, como a falta de clínicos e o alto custo financeiro das consultas, contribuíram para que se criasse o costume de as mulheres buscarem entre si a cura para seus incômodos. Diante dessa demanda, muitas "se especializaram" nas artes de curar, por meio de conhecimentos transmitidos informalmente — geralmente de mãe para filha, madrinha para afilhada, tia para sobrinha —, contribuindo para a persistência de um universo dominado e controlado pelo sexo feminino.

Além de investirem em apreciações que subestimavam o organismo feminino, os doutores, como representantes da ciência, passaram a perseguir as mulheres que possuíam saberes sobre como

tratar do corpo, o que se tornou foco específico da Medicina, em desenvolvimento, buscando definir os espaços ocupados pelos que atuavam na cura.

Percebe-se, assim, que a constituição de um campo específico da Medicina para tratamento da mulher com suas várias especialidades (ginecologia, obstetrícia, etc.,) percorreu um longo caminho, até a sua consolidação. Na verdade, é uma história que não seguiu uma trajetória linear. Como a própria autora faz questão de realçar, "é uma história repleta de contradições, conflitos, marchas e contramarchas".

## ÍNDICE DOS VOLUMES DE NÚMEROS 1 a 10 ASSUNTOS

### A

- Alberto Lupato: Nº 3, p. 73-6.
- Altamira Pereira Valadares (Cap.-Enf.): Nº 3, p. 77-90.
- AMICUS: Nº 2, p. 161-2.
- Anselmada: Nº 9, p. 43-9.
- Arquitetura e Urbanismo: Nº 8, p. 157-60.
- Arquivo da Câmara Municipal: Nº 1, p. 57-8.
- Artur Scatena: Nº 4, p. 203-6; Nº 8, p. 142-7.

### B

- Batatais, primeiros tempos
  - Primórdios: Nº 1, p. 45-50.
  - Tempo (No) e na história: Nº 1, p. 9-10.
  - Vila: Nº 8, p. 137-42.
- Bibliografia— História local e regional: Nº 1, p. 59-60.

### C

- Cândido Portinari: Nº 8, p. 83-16 e 145-6.
- Carnaval: Nº 5, p. 1831.
- Centro Histórico de Batatais: Nº 9, p. 7-21.
- Cinemas:
  - Cine Madalena: Nº 9, p. 32-8.
  - Diversos: Nº 5, p. 32-55.
- Clubes e sociedades:
  - Centro de Cultura Física de Batatais: Nº 10, p. 77-100.
  - Diversos: Nº 5, p. 32-55.
  - Princesa Isabel: Nº 5, p. 18-31.
- Cultura: Nº 3, p. 91-2.

### D

- Diocese, criação: Nº 9, p. 39-42.
- Diversões (Vide também Clubes e Sociedades):
  - Rádio: Nº 7, p. 58-68.

### E

- Educação e Escolas
  - Educação infantil: Nº 3, p. 11-24.
  - Grupo Escolar Dr. Washington Luís: Nº 4, p. 185-92.
- Emília (D.): Nº 1, p. 53-5.
- Estradas e Viagens:
  - Antigas estradas: Nº 7, p. 11-19.
  - Excursão automobilística: Nº 5, p. 74-5.

### F

- Fábrica de Chapéus: Nº 2, p. 121-31; Nº 10, p. 67-74.
- Ferrovários, ferrovias (inclusive Mogiana) Nº 2, p. 87-98; Nº 7, p. 7-41 e 49-68.
- Folclore e Tradições
  - Carnaval: Nº 5, p. 18-31.
  - Eventos vários: Nº 4, p. 20-36.
  - São Gonçalo: Nº 9, p. 22-31.

### G

- Gaspar Gomes (família): Nº 6, p. 154-66.
- Germano Moreira: Nº 5, p. 69-73.

### I

- Igrejas
  - Rosário: Nº 1, p. 7-8.
  - Santa Cruz: Nº 6, p. 143-50.
- Imprensa:
  - Educação, segundo jornais: Nº 3, p. 11-24.
  - Jornais antigos: Nº 1, p. 11-20.

### J

- João Paca: Nº 5, p. 76-9.
- Joaquim Borges de Souza: Nº 1, p. 137-56.
- Jorge Nazar (Dr): Nº 10, p. 130-1.
- Jornais (Vide imprensa)
- José Augusto Fernandes: Nº 2, p. 99-108.
- José Olympio: Nº 6, p. 91-18 e 151-3.
- José Rufino: Nº 7, p. 42-8.

### L

- Leite Pasteurizado: Nº 3, p. 45-56.
- Lembranças: Nº 1, p. 41-4.
- Linotipo: Nº 4, p. 193-8.
- Literatura:
  - AMICUS: Nº 2, p. 161-2.
  - "Causos": Nº 4, p. 203-6.
  - Espelho: Nº 5, p. 80-1; Nº 7, 69-71.
- Revista Cívico-Literária: Nº 6, p. 107-18.
- Ribeirão Preto, século XIX: Nº 9, p. 55-8.

### M

- Macaúbas: Nº 5, p. 6-17.
- Medeiros (Família): Nº 6, p. 154-66.
- Mogiana (Vide ferroviários e ferrovias)
- Museu Casa de Portinari: Nº 8, p. 91-5.
- Museu Histórico e pedagógico Dr. Washington Luís: Nº 4, p. 193-8.
- Música:
  - Igreja: Nº 3, p. 25-46.
  - Popular: Nº 3, p. 25-46.
  - Velhos tempos: Nº 1 p. 41-4.

### N

- Nome Batatais (origens): Nº 4, p. 147-83

### P

- Plínio Viana: Nº 9, p. 50-4.
- Política:
  - Anselmada: Nº 9, p. 43-9.
  - Câmaras Municipais: Nº 10, p. 101-14.
  - Intendentes e Prefeitos: Nº 3, p. 61-72.
  - República: Nº 2, p. 109-20.
- Revolução de 1932: Nº 2, p. 75-86.
- Portinari (Vide Candido Portinari)

### R

- Rádio Difusora: Nº 6, p. 119-42.
- Renato jardim: Nº 5, p. 56-68; Nº 6, p. 113-4.
- Rosário (Igreja): Nº 1, p. 7-8.

### S

- Santa Cruz (Igreja): Nº 6, p. 143-50.

Sírios e libaneses:

- Altinópolis: Nº 5, p. 55-60.
- Batatais: Nº 4, p. 103-13.

### AUTORES

AMARO, Sérgio Corrêa

- Os anúncios em jornais antigos de Batatais. Nº 1, p. 11-20.

BIANCO, João Carlos

- Batatais nos seus primórdios. Nº 1, p. 45-50.

BALTAZAR, Alessandra

- A máquina e o homem. Nº 4, p. 193-8.
- Fragmentos de memória; A Fábrica de Chapéus (1925-1953). Nº 1, p. 121-31.

- Requalificação de Centro Histórico de Batatais, segundo preceitos de Educação Ambiental. Nº 9, p. 7-21.

- Um lugar de memória: o Arquivo da Câmara Municipal de Batatais. Nº 1, p. 57-8 (Em colaboração).

BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira

- A trilha dos trilhos. Nº 2, p. 87-98.
- Jotaó: "casa plantada em terra, mas com asa". Nº 6, p. 91-106.
- O roubador de conversas. Nº 1, p. 41-4.
- O semeador de margaridinhas de bem-querer. Nº 8, p. 96-104.
- Plataforma da estação embarque no trem das recordações. Nº 7, p. 52-7.
- Retalhos da memória no balcão das miudezas. Nº 4, p. 103-129.

CARDANA, Regina Helena Lima

- A criança e sua família no início do século XX no Brasil: a visão no jornal *Gazeta de Batataes*. Nº 3, p. 11-24.

CARDOSO, Clotilde de Santa Clara Medina

- A música em Batatais nos velhos tempos. Nº 1, p. 41-4.
- A música em Batatais, nos velhos tempos: a música na Igreja - a música popular. Nº 3, p. 25-46.
- A Sociedade Pró-Arte de Batatais. Nº 8, p. 118-34.
- A sociedade se reúne e se diverte - Teatros, cinemas e clubes de Batatais nos inícios do século XX. Nº 5, p. 32-55.
- Centro de Cultura Física de Batatais, segundo depoimentos de seus seguidores. Nº 10, p. 75-100.

- Da Mogiana aos campos de batalha italianos. Nº 7, p. 42-8.

- O Teatro Municipal de Batatais - ontem e hoje. Nº 4, p. 133 -46.

- Tempos heróicos da Rádio Difusora de Batatais (1947-1960). Nº 6, p. 119-42.

- Um pouco do cotidiano dos antigos ferroviários. Nº 7, p. 58-68.

CARDOSO, Walter

- A implantação da República em Batatais. Nº 2, p. 109-20.
- Batatais, na história regional. Nº 1, p. 59-60.
- Contribuições para um exame histórico das Câmaras Municipais. Nº 10, p. 101-14.
- Dança de São Gonçalo, tradição cultuada em Batatais. Nº 9, p. 22-31.
- Prefeito ou intendente, eis a questão. Nº 3, p. 61-72.
- Primeiras repercussões das telas de Portinari em Batatais, Nº 8, p. 105-14.
- Primeiro Centenário do nascimento do Dr. Jorge Nazar. Nº 10, p. 130-1.
- Princesa Isabel, cinquenta anos de lutas por um ideal. Nº 5, p. 18-31.

- Topônimo Batatais - uma busca a suas origens perdidas. Nº 4, p. 147-83.
- Uma estrada precursora da Mogiana. Nº 7, p. 11-9.
- Uma revista cívico-literária, no ano do nascimento de José Olympio. Nº 6, p. 107-8.

FABBRI, Angélica Policeno

- Museu Casa de Portinari, fidelidade à memória do artista. Nº 8, p. 91-5.

FELIZARDO, Alexandre Bonafim

- Espelho de todo mundo. Nº 7, p. 69-71.

FREITAS, Nainôra Maria Barbosa de

- Criação da diocese em Batatais segundo o Arquivo Secreto do Vaticano. Nº 9, p. 39-42.

GONÇALVES, Mildred Regina

- A Anselmada: rebelião e conflitos locais. Nº 9, p. 43-9.

JORGE, Arnaldo

- O significado do lançamento do carimbo postal em homenagem a José Olympio. Nº 15, p. 151-3.

JORGE, Jones

- Mogiana: uma ferrovia para o café. Nº 7, p. 20-30.

MACHADO, José. Vanderlei

- Espelho de se mirar e admirar. Nº 5, p. 80-1.

MAGALHÃES, Sônia Maria de

- Renato Jardim, autonomista e educador. Nº 5, p. 56-68 (Em colaboração).

MATTOS, Odilon Nogueira de

- Recordando o significado da velha "Mogiana". Nº 7, p. 7-10.

MORAES, Ary Toledo

- Domingos Corrêa de Moraes, estadista e criador de Macaúbas. Nº 5, p. 6-17.

- Introdução do leite pasteurizado em Batatais - Problemas e soluções. Nº 3, p. 45-56.

NOGUEIRA, Carlos Junqueira

- As terras doadas por Germano Moreira e sua mulher Ana Luíza ao futuro patrimônio da cidade de Batatais. Nº 5, p. 69-73.

PAIVA, Carla Assed Marino de

- O último trem da Mogiana. Nº 7, p. 49-51.

PASTORELLI, Danilo

- O Banco Artur Scatena S.A. Nº 8, p. 142-7.

PEREIRA, José Carlos Medeiros

- A Capitã-Enfermeira Altamira Pereira Valadares conta sua participação na FEB. Nº 3, p. 77-90.

- A fábrica de chapéus de Batatais; funcionamento, empregados, ascensão e queda. Nº 10, p. 67-74.

- Batatais antes de se tornar uma vila. Nº 8, p. 137-42.

- Batatais nas memórias de Plínio Viana. Nº 9, p. 50-4.

- D. Emília. Nº 1, p. 53-5.

- Famílias Medeiros, Tavares e Gaspar Gomes. Nº 6, p. 154-66.

- Ferroviários, esses esquecidos. Nº 7, p. 31-41.

- João Paca. Nº 5, p. 76-9 (Em colaboração)

- Joaquim Borges de Souza, ex-combatente, relata sua participação na FEB. Nº 2, p. 137-56.

- O Grupo Escola Dr. Washington Luís que frequentei. Nº 4, p. 185-92.

PEREIRA, Robson Mendonça

- Panorama da imprensa batataense no final do século XIX. Nº 10, p. 115-29.
- Renato Jardim, autonomista e educador. Nº 5, p. 56-68 (Em colaboração).
- Washington Luís, o "paulista de Batatais". Nº 4, p. 113-32.
- PORTINARI, João Candido.
- Centenário do Nascimento de Candido Portinari, EBCT-Edital 14-2003. Nº 8, p. 83-4.

PRADO, Maria Clarisse Bombonato

- Batatais em festa pelo centenário de José Olympio. Nº 7, p. 72-3.
  - Batatais: História e Cultura em foco. Nº 3, p. 91-2.
  - Criada oficialmente a Sociedade Amigos da Cultura. Nº 1, p. 61.
  - Eventos. Nº 4, p. 203-6 (Em colaboração).
  - Lançada com sucesso a revista AMICUS. Nº 2, p. 161-2.
- PRADO NETO, Gaspar de Sousa
- Eventos. Nº 4, p. 203-206 (Em colaboração).
  - Os quatro heróis. Nº 5, p. 74-5.
  - Portinari e Fra Angelico. Nº 8, p. 115-7.
  - Restaurando uma imagem perdida. Nº 1, p. 7-8.
  - Zina, Nº 2, p. 133-36.

#### REDAÇÃO

- Aprendendo Portinari com arte. Nº 8, p. 145-6.
- Carvalho Jr., José Mário Nogueira de. Construção e conhecimento operário - Um estudo de caso. Nº 2, p. 157-60.

ROSA, Máisa Dassiê

- "Fazer a América": sírios e libaneses em Altinópolis. Nº 3, p. 55-60.

SERRAZES, Karina Elizabeth

- Batataes na Revolução Constitucionalista. Nº 2, p. 75-86.
- Dos Coronéis à Metrópole: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XIX. Walker, Tomas e Barbosa, Agnaldo de Sousa. Nº 9, p. 55-8.

- José Olympio - O descobridor de escritores. Nº 4, p. 199-202.
- Nos trilhos da Mogiana: Um pouco da história de Jurucê. Nº 6, p. 167-9.

- Um lugar na memória: o Arquivo da Câmara Municipal de Batatais. Nº 1, p. 57-8 (Em colaboração).

SILVA, Luciana Maria da

- A criança e sua família no início do século XX no Brasil: a visão do jornal *Gazeta de Batataes*. Nº 3, p. 11-24 (Em colaboração).

SILVEIRA, Lúcia Bueno de Almeida

- Retalhos Portinarianos. Nº 8, p. 85-90.

SOUZA, Joaquim Borges de

- João Paca. Nº 5, p. 76-9 (Em colaboração).

SQUARIZI, Luciana

- Um lugar de memória: O Arquivo da Câmara Municipal de Batatais. Nº 1, p. 57-8 (Em colaboração).
- José Augusto Fernandes. Nº 2, p. 99-108.

TAMBELLINI, Jesus Machado

- Batatais ... no tempo e na história. Nº 1, p. 9-10.

TEIXEIRA, Pedro Lázaro

- Alberto Lupato, um batataense revolucionário. Nº 3, p. 736.
- Cine Madalena, a fábrica de sonhos. Nº 9, p. 32-8.
- Da Santa Cruz dos Enforcados, a igreja atual. Nº 6, p. 143 -50.

AMICUS - Batatais-SP, Ano VI, Nº 11 - maio/2005

#### SUMÁRIOS

Ano I, Nº I - Julho, 2000

#### ARTIGOS

- Restaurando uma imagem perdida  
Gaspar de Sousa PRADO NETO
- Batatais...no tempo e na história  
Jesus Machado TAMBELLINI
- Os anúncios em jornais antigos de Batatais  
Sérgio Corrêa AMARO
- A música em Batatais nos velhos tempos  
Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO
- O roubador de conversas  
Claudete Camargo Pereira BASAGLIA
- Batatais nos seus primórdios  
João Carlos BIANCO

#### SEÇÕES

- GENTE DE MINHA TERRA - D. Emília  
José Carlos de Medeiros PEREIRA
- ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS - Um lugar de memória: O arquivo da  
Câmara Municipal de Batatais  
Alessandra BALTAZAR  
Karina E. SERRAZES  
Luciana SQUARIZI
- REZENHA BIBLIOGRÁFICA - Batatais na história regional  
Walter CARDOSO
- NOTICIÁRIO - Criada oficialmente a Sociedade de Amigos da Cultura  
Maria Clarisse Bombonato PRADO

ANO I, Nº 2 - Dezembro, 2000

#### ARTIGOS

- Batatais na Revolução Constitucionalista de 1932  
Karina Elizabeth SERRAZES
  - A trilha dos trilhos  
Claudete Camargo Pereira BASAGLIA
  - José Augusto Fernandes  
Luciana SQUARIZI
  - A implantação da República em Batatais  
Walter CARDOSO
  - Fragmentos de Memória: A Fábrica de Chapéus (1925-1953)  
Alessandra BALTAZAR
- #### SEÇÕES
- GENTE DE MINHA TERRA - Zina  
Gaspar de Souza PRADO NETO
  - DEPOIMENTOS - Joaquim Borges de Souza, ex-combatente, relata sua participação na FEB  
José Carlos de Medeiros PEREIRA
  - DISSERTAÇÃO DE MESTRADO - CARVALHO Jr. José Mario Nogueira de. Construção e Conhecimento Operário - Um estudo de caso
  - NOTICIÁRIO - Lançada com sucesso a revista AMICUS  
Maria Clarisse Bombonato PRADO

AMICUS - Batatais-SP, Ano VI, Nº 11 - maio/2005

**ANO II, Nº 3 – Maio, 2001**

**NOSSA CAPA:**

Theatro São Carlos

Gaspar de Souza PRADO NETO

**ARTIGOS**

A criança e sua família no início do século XX no Brasil: a visão no jornal *Gazeta de Batataes*

Luciana Maria da SILVA

Regina Helena Lima CARDANA

A música em Batatais nos velhos tempos: a música na Igreja – a música popular

Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO

Introdução do leite pasteurizado em Batatais – Problemas e soluções

Ary Toledo MORAES

“Fazer a América”: sírios e libaneses em Altinópolis

Maísa Dassiê ROSA

Prefeito ou Intendente, eis a questão

Walter CARDOSO

**SEÇÕES**

GENTE DE MINHA TERRA – Alberto Lupato, um batataense revolucionário

Pedro Lázaro TEIXEIRA

DEPOIMENTOS – A Capitã – Enfermeira Altamira Pereira Valadares conta sua participação na FEB

José Carlos de Medeiros PEREIRA

**NOTICIÁRIO**

Maria Clarisse Bombonato PRADO

**ANO II, Nº 4 – Novembro, 2001**

**ARTIGOS**

Retalhos de memória do balcão das miudezas

Claudete Camargo Pereira BASAGLIA

Washington Luís, o “paulista de Batatais”

Robson Mendonça PEREIRA

O Teatro Municipal de Batatais – ontem e hoje

Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO

Topônimo Batatais – uma busca à suas origens perdidas

Walter CARDOSO

**SEÇÕES**

REMINISCÊNCIAS DE BATATAIS – O Grupo Escolar Dr. Washington Luís que frequentei

José Carlos de Medeiros PEREIRA

ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS – A máquina e o homem

Alessandra BALTAZAR

REZENHA BIBLIOGRÁFICA – José Olympio – O descobridor de escritores

Karina Elizabete SERRAZES

**NOTICIÁRIO**

Gaspar Souza PRADO NETO

Maria Clarisse Bombonato PRADO

**ANO III, Nº 5 - Maio 2002**

Domingos Corrêa de Moraes, estadista e criador de Macaúbas

Ary Toledo de MORAES

Princesa Izabel, cinqüenta anos de lutas por um ideal

Walter CARDOSO

A sociedade se reúne e se diverte – Teatros, cinemas e clubes em Batatais nos inícios do século XX

Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO

Renato Jardim, autonomista e educador

Robson Mendonça PEREIRA

Sônia Maria de MAGALHÃES

**SEÇÕES**

TOPOGRAFIA – As terras doadas por Germano Moreira e sua mulher Ana Luíza ao futuro patrimônio da cidade de Batatais

Carlos Junqueira NOGUEIRA

DOCUMENTAÇÃO – Os quatro heróis

Gaspar de Sousa PRADO NETO

GENTE DE MINHA TERRA – João Paca

Joaquim Borges de SOUZA

José Carlos de Medeiros PEREIRA

RESENHA BIBLIOGRÁFICA – Espelho de se mirar e admirar

José Vanderlei MACHADO

**ANO III, Nº 6 – Novembro, 2002**

**ARTIGOS**

Jotaó: “casa plantada em terra, mas com asa”

Claudete Camargo Pereira BASAGLIA

Uma revista cívico-literária, no ano do nascimento de José Olympio

Walter CARDOSO

Tempos heróicos da Rádio Difusora de Batatais (1947-1960)

Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO

Da Santa Cruz dos Enforcados, à igreja atual

Pedro Lázaro TEIXEIRA

**SEÇÕES**

FITATELIA – O significado do lançamento do carimbo postal em homenagem a

José Olympio

Arnaldo JORGE

TRONCOS FAMILIARES BATATAENSES – Famílias Medeiros, Tavares e Gaspar Gomes

José Carlos de Medeiros PEREIRA

RESENHA BIBLIOGRÁFICA – Nos trilhos da Mogiana: Um pouco da história de Jurucê

Karina Elizabete SERRAZES

**NOTICIÁRIO**

**ANO IV, Nº 7 – Maio, 2003**

**ARTIGOS**

Recordando o significado da velha “Mogiana”

Odilon Nogueira de MATTOS

Uma estrada precursora de Mogiana

Walter CARDOSO

Mogiana: uma ferrovia para o café

Janes JORGE

Ferrovários, esses esquecidos

José Carlos de Medeiros PEREIRA

## SEÇÕES

GENTE DE MINHA TERRA – Da Mogiana aos campos de batalha italianos – a história de José Rufino  
Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO  
POESIA E NOSTALGIA – O último trem da Mogiana  
Carla Assed Marino de PAIVA  
DEPOIMENTOS – Plataforma da estação: embarque no trem das recordações  
Claudete Camargo Pereira BASAGLIA  
Um pouco do cotidiano de antigos ferroviários  
Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO  
RESENHA BIBLIOGRÁFICA – Espelho de todo mundo  
Alexandre Bonafim FELIZARDO  
NOTICIÁRIO – Batatais em festa pelo centenário de José Olympio  
Maria Clarisse Bombonato PRADO

### **ANO IV, Nº 8 – Novembro, 2003**

EBCT – EDITAL 14-2003: Centenário de Nascimento de Candido Portinari  
João Candido PORTINARI  
RETALHOS PORTINARIANOS  
Lúcia Bueno de Almeida SILVEIRA

#### ARTIGOS

Museu Casa de Portinari, fidelidade à memória do artista  
Angélica Policeno FABRI  
O semeador de margaridinhas de bem-querer  
Claudete Camargo Pereira BASAGLIA  
Primeiras repercussões das telas de Portinari em Batatais  
Walter CARDOSO  
Portinari e Fra Angélico  
Gaspar de Sousa PRADO NETO  
A Sociedade Pró-Arte de Batatais  
Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO

#### SEÇÕES

RESENHA DE TESE – Batatais antes de se tornar uma vila  
José Carlos de Medeiros PEREIRA  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANDAMENTO – O Banco Artur Scatena S.A.  
Danilo PASTORELLI  
RESENHA BIBLIOGRÁFICA – Aprendendo Portinari, com arte

### **ANO V, Nº 9 – Maio, 2004**

#### ARTIGOS

Requalificação do Centro Histórico de Batatais segundo preceitos de Educação Ambiental  
Alessandra BALTAZAR  
Dança de São Gonçalo, tradição cultuada em Batatais  
Walter CARDOSO  
Cine Madalena, a fábrica de sonhos  
Pedro Lázaro TEXEIRA  
Criação de diocese em Batatais segundo o Arquivo Secreto do Vaticano  
Nainôra Maria Barbosa de FREITAS

A Anselmada: rebelião e conflitos locais  
Mildred Regina GONÇALVES  
Batatais nas memórias de Plínio Viana  
José Carlos de Medeiros PEREIRA  
RESENHA BIBLIOGRÁFICA  
DOS CORONÉIS À METRÓPOLE: fios e tramas da sociedade e da política em  
Ribeirão Preto no século XIX Walter, Tomas e Barbosa, Agnaldo de Sousa  
Karina Elizabeth SERRAZES

### **ANO V, Nº 10 – Novembro, 2004**

#### ARTIGOS

A fábrica de chapéus de Batatais; funcionamento, empregados, ascensão e queda  
José Carlos de Medeiros PEREIRA  
Centro de Cultura Física de Batatais, segundo depoimentos de seus pioneiros e de seus seguidores  
Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO  
Contribuições para um exame histórico das Câmaras Municipais  
Walter CARDOSO  
Panorama da imprensa batataense no final do século XIX  
Robson Mendonça PEREIRA  
NOTAS LOCAIS  
Primeiro Centenário do Nascimento do Dr. Jorge Nazar

## ÍNDICE DE AUTORES

- BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira, p. 41  
CARDOSO, Clotilde de Santa Clara Medina, p. 29 e 46  
CARDOSO, Walter, p. 17  
MAGALHÃES, Sônia Maria, p. 62  
PEREIRA, José Carlos de Medeiros, p. 7

## NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DE ORIGINAL

A Revista AMICUS publica trabalhos inéditos, relativos principalmente a Batatais e região. Os textos serão redigidos de preferência em português.

Recomenda-se que os artigos apresentem os seguintes itens:

Título, autor(es), qualificação do(s) autor(es), Resumo, (de no máximo cinco linhas) e cinco Palavras-chave, antecedendo o texto. Sucedendo a este, Abstract e Keywords. Completam o texto, sucedendo-o: Referências Bibliográficas (obras citadas no texto) e Notas, para esclarecimentos considerados necessários. Utilizá-las o mínimo possível e numerá-las na entrelinha superior do texto.

Os textos deverão ser digitados em Word, em letra Verdana, tamanho 10, espaço simples e apresentados em duas cópias e em disquete de 3/2", com cópia das ilustrações.

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores. Os trabalhos que não se enquadrarem nessas Normas para a Apresentação de Original serão devolvidos aos autores.

Além dos artigos, a Revista AMICUS terá, entre outras, as seguintes seções: Arquivos, Bibliotecas e Museus, Genealogia, Entrevistas, Memórias, Noticiário, Resenhas e Teses, além de outros textos, considerados compatíveis com os objetivos da Revista.

Maiores esclarecimentos acerca das normas de apresentação de original serão prestados pelo Conselho Consultivo de Publicações.